



AD 2013 FRATRES

Revista do
SUPREMO
CONSELHO
PARA PORTUGAL
DO R.E.A.A.

NOTA EDITORIAL

Começa-se por agradecer a todos os autores que facultaram os trabalhos que integram a presente edição, em particular, a colaboração da pintora Helena Canotilho, que nos permite apresentar algumas das suas obras, ao longo das páginas desta revista.

Igualmente se agradece o apoio do Director da Revista e o empenhado contributo de Isabel Maria Corker na realização gráfica e apreciação crítica dos conteúdos desta publicação.

Repetem-se seguidamente as linhas editoriais que enformam a AD FRATES:

✘ É promovida pelo Supremo Conselho para Portugal do 33º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite da Maçonaria, instituição da Maçonaria Regular, com particular relacionamento com a Grande Loja Legal de Portugal/GLRP;

✘ Destina-se não só a todos os maçons, mas também àqueles que de alguma maneira se interessam pela Ordem Maçónica ou pelos temas de que se ocupa.

✘ Não é um órgão oficial do Supremo Conselho. Cada texto é da responsabilidades dos respectivos autores (nem todos membros do Supremo Conselho), cabendo ao signatário, Grande Secretario do Interior do Santo Império (G.S.I.S.I.), por incumbência do Supremo Conselho, a sua escolha e edição.

Na convicção que os membros dos diversos Corpos Subordinados do Supremo Conselho e outros leitores dedicarão a melhor atenção a este quarto número, apela-se para que não deixem de manifestar todas as sugestões e apreciações que lhes aprouver.

Os contactos com a Revista devem ser feitos por e-mail para: gsi@scg33.pt

A. PAIVA, 33º, G.S.I.S.I.

DIRECTOR Paulo Nogués
PROPRIEDADE Associação Albert Pike
DESIGN IMC
IMPRESSÃO EUROPRESS - Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
Rua João Saraiva, 10A - 1700-249 Lisboa
Tel.: 218 444 340 - Fax: 218 492 061 - E-mail: geral@europress.pt
TIRAGEM 1000 exemplares
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Abril 2013

ÍNDICE

AD FRATRES	4
A SIMBÓLICA EM HELENA CANOTILHO	11
EXPLORAÇÃO DO CONCEITO DE “JOGO E CULTURA” NO CAMPO DAS ARTES PLÁSTICAS	13
ALQUIMIA	31
O ERRO DE KEYNES SOBRE CIÊNCIA E ALQUIMIA EM NEWTON	41
ENCONTRO MAGICK DE FERNANDO PESSOA - ALEISTER CROWLEY	51
AIRES PINTO MARCELINO - BREVE REFERÊNCIA	57
DA RESPONSABILIDADE HUMANA PERANTE AS GERAÇÕES VINDOURAS	62
CAMPO HOLOTÉRICO	68
SUPREMO CONSELHO DE MOÇAMBIQUE 24 DE NOVEMBRO DE 2012	78
LEITURAS	87
MÚSICA	91

AD FRATRES

POR AGOSTINHO GARCIA, 33º
SOBERANO GRANDE COMENDADOR

É no alvorecer de um ano, que se adivinha de sofrimento para a maior parte de nós, que quero partilhar convosco alguns dos meus pensamentos e preocupações.

Vivemos momentos em que:

✘ Consideramos que as promessas, compromissos ou meras previsões sobre o futuro, veiculadas pelos nossos governantes, não são dignas de crédito numa situação em que assistimos ao progressivo enfraquecimento das respostas sociais, designadamente no apoio à família, à educação, à saúde, aos desamparados, à infância e aos seniores;

✘ Consideramos que os dirigentes, por nós escolhidos para governar o país, se revelam incompetentes para o tirarem do atoleiro para onde estamos a ser empurrados;

✘ Consideramos que os anteriores governantes foram co-responsáveis pela situação, pois ao contrário do que deles seria esperado, nos conduziram a um endividamento sem atenderem à nossa capacidade de solvência;

✘ Não consideramos o Estado uma pessoa de bem, já que os seus representantes descartam promessas, ignoram direitos e alteram unilateralmente contratos estabelecidos;

✘ Desconfiamos da argumentação e das justificações provenientes dos políticos que, demitindo-se das suas próprias responsabilidades, as transferem sistematicamente para outrem, atribuindo os fracassos a causas exó-

genas, justificando-os com a má gestão anterior ou com o desconhecimento da dimensão do problema, ainda que, neste último caso, se tenha verificado o início de mandato com melhor conhecimento da situação real do país;

✘ Assistimos, diariamente, ao encerramento ou redução da actividade de empresas, conduzindo não só mais trabalhadores ao desemprego, mas também à perda da capacidade produtiva;

✘ Campeia a descrença no sistema, num clima que põe em perigo a democracia, onde se acentuam cada vez mais as fracturas afectando significativamente a estabilidade social e se intensificam as pressões sobre a economia e o emprego com forte impacto na coesão nacional;

✘ Os demagogos e aqueles que se limitam à simples maledicência sem apresentarem caminhos que possam ser encarados como verdadeiras alternativas têm crescente audiência em sociedades carentes de conhecimento, de fluxos coerentes de informação, onde não se privilegia o diálogo social e a interactividade;

✘ Expressões como “Amor à Pátria” e “Ao Serviço da Nação”, que conduziram tantos dos que nos precederam a grandes sacrifícios, perdem valor.

Neste quadro de regressão, qual é então o nosso caminho enquanto membros do Rito Escocês Antigo e Aceite?

Como maçons, é-nos pedido um comportamento cívico irrepreensível, mesmo em mo-

mentos de grande e justificada indignação. Não esqueçamos que o devemos, sobretudo, a nós próprios.

Desde o nosso primeiro passo nos Altos Graus do Rito, que nos é chamada a atenção para o dever de praticar a Caridade, não se entendendo a Caridade como a esmola do que nos é supérfluo, mas sim como a partilha do que nos é necessário. Em momentos de quase catástrofe nacional, a Caridade tem de ir para além da nossa família e dos nossos Irmãos, dirigindo-se a todos em geral, quer ao nosso vizinho, quer ao nosso colega quer ainda ao desconhecido que nos pede ajuda na via pública.

Em contexto laboral, compete-nos zelar pela nossa empresa, sem esquecer em momento algum que aqueles que nela trabalham também a edificaram com o seu esforço, pelo que o sacrificar de postos de trabalho, sendo legalmente lícito para a manter viável, se torna imoral quando se destina a preservar o lucro, pois apesar dele se poder e dever manter como objectivo, perde acuidade em momentos em que a função social das empresas tem especial relevância.

É o momento de redobramos esforços, a fim de aumentar a riqueza das empresas e do país, apelando para a nossa criatividade e capacidade de produção.

Enquanto cidadãos, devemos tentar esclarecer os nossos semelhantes da necessidade de zelar pelo Estado, que não é algo de imaterial e sem

face, mas sim o conjunto de todos nós, pelo que cada vez que é lesado, todos o somos.

Em nenhuma situação nos podemos esquecer que no nosso caminho maçónico jurámos amor à Pátria e respeito pelas suas leis.

Expressarmo-nos e fazermos ouvir a nossa voz é um direito que readquirimos e do qual não devemos prescindir qualquer que seja a razão. Porém, tal não deve ser tomado como objectivo, deixando aos outros o encargo de resolverem o problema de todos, devendo, antes, promover mudanças, assumindo-nos como solidários e parceiros na reestruturação da sociedade.

As modernas tecnologias e a facilidade de comunicação que proporcionam são campo onde a força associativa, independente de poderes estabelecidos, se poderá impor, não só politicamente, mas também economicamente. As associações de consumidores, representando o poder agregado destes, deverão passar a ter assim um papel privilegiado na discussão das regras de mercado quer no que diz respeito a produtos quer em relação à conduta ética e cumprimento de normas por parte dos agentes económicos.

Nem a consternação perante as dificuldades nem a indignação, por si só, são atitudes de resposta à presente situação de convulsão social em que urge procurar um novo horizonte dando resposta vigorosa à crise e saindo de uma atitude de conformismo que parece ter-se instalado no País.

Stéphane Hessel, depois de “Indignai-vos” (2010), escreveu “Empenhai-vos” (2011).

Temos que reagir à passividade da simples e fácil análise crítica e investir na intervenção activa no ressurgimento de valores perdidos.

Que não se nos deparem impedimentos para medidas de resposta rápida, definindo prioridades e estratégias para a sua promoção e concentrando esforços nas vertentes prioritárias.

Mas, sobretudo, meus Irmãos, devemos ter sempre em mente que nos constituímos como um grupo de homens que pensa e gosta de pensar, partilhando energias, inteligência e competências recíprocas. Assim, é o momento em que, impondo-se uma nova atitude visando assegurar um projecto de enriquecimento progressivo e sólido, nos devemos dedicar a fazer ressurgir um novo iluminismo, posto ao serviço do homem.

Sapere Aude! Ousar saber, estudar, reflectir. Usar o conhecimento e actuar na construção de uma nova sociedade que ponha a política e a economia ao serviço do Homem, apresenta-se-nos como principal missão no início desde século.

Sejamos sobretudo um símbolo vivo, uma referência na reconstrução de um culto de valores éticos e morais onde imperem critérios de justiça, contrariando a onda materialista de uma sociedade presentemente à deriva.

Entre nós existem as mais diversas correntes de opinião, que desde sempre respeitámos e

que nunca foram, nem serão, impedimento de reflexão conjunta profícua e esclarecedora.

Bento XVI, no seu último discurso, enquanto Papa, após referir “momentos de luz radiante” e “nuvens que se juntam nos céus”, apelando a uma necessária unidade, lembrou aos seus cardeais o comportamento de “uma orquestra em que as diferenças, expressão da diversidade, nunca deixam de contribuir para uma concórdia superior e harmoniosa”.

Juntemos os nossos conhecimentos, discutamos as nossas opções e coloquemo-nos sem restrições ao serviço da Nação e do Homem.

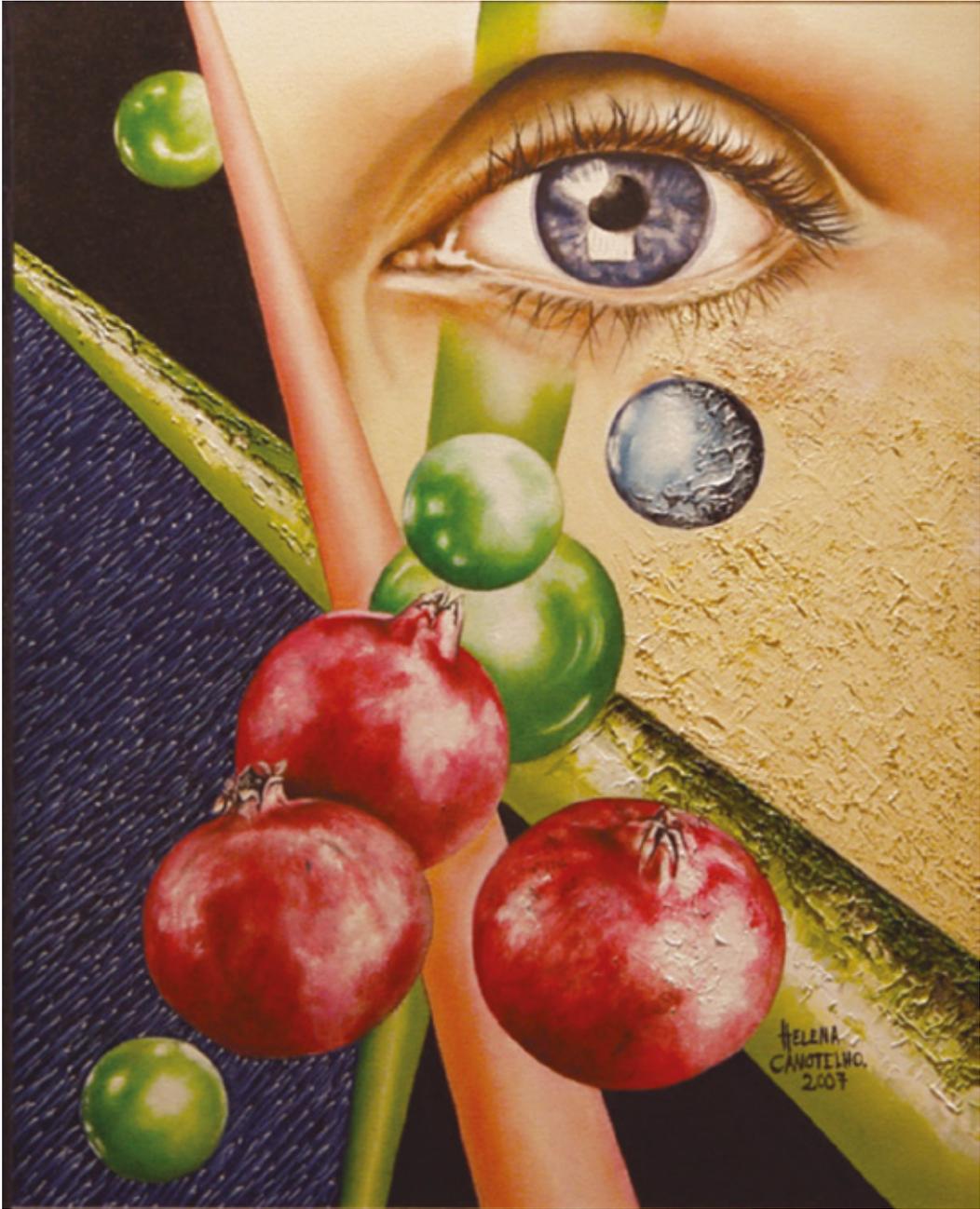
Para este caminho, que nos é imperioso seguir, dediquemos os nossos esforços e invoquemos a protecção do Grande Arquitecto do Universo.



ESPAÇO UNIVERSAL

HERDAS

ਅੰਨ੍ਹੇ ਆਲੇ ਦੁਆਰੇ



APERFEIÇOAMENTO

A SIMBÓLICA EM HELENA CANOTILHO

POR A. PAIVA

Helena Canotilho considera-se fundamentalmente uma artista retratista, bem vincada na expressão realista. O seu trabalho pauta-se pelo rigor técnico extremo inerente à pintura a óleo e inspira-se na tradição dos grandes artistas retratistas da escola inglesa.

Para captar e transmitir uma personalidade e uma emoção baseada numa expressão visível, recorre a processos técnicos muito exigentes, com base em velaturas, que lhe permitem representar, com eficácia, a realidade da expressão e emoção humana.

Helena Canotilho demonstra conhecer a gramática das artes visuais, bem como a sua sintaxe, cumprindo requisitos ligados ao profundo conhecimento da geometria e da anatomia das formas.

As composições incluídas neste número da AD FRATRES foram realizadas na técnica de óleo sobre tela. Constituem uma série que se inspira na filosofia e nos elementos simbólicos da Maçonaria. Com efeito, estão bem explícitas as formas de estrelas, olhos, quadrados, romãs, compassos, bem como de outros elementos identificados pela cor.

O espaço é profundamente geométrico, e embora a composição pareça constituir-se

dentro de um espaço bidimensional, o jogo de quadrados provoca a terceira dimensão.

Assistimos a perspectivas intencionalmente desorganizadas, que provocam no observador um angustiante precipício. Consegue-o, Helena Canotilho, jogando com diversos pontos de fuga, que pretendem centralizar a nossa vista no elemento estável de cada uma destas composições dinâmicas, em particular, o olho, pelo que se abstém intencionalmente de representar ortogonais na composição geométrica. Recorre, antes, insistentemente às formas e linhas oblíquas, precipitando o observador numa leitura muitas vezes circular.

A necessidade de explorar o tema desta série de obras é decorrente de uma tradição familiar que vem desde o seu falecido pai, enquanto maçom, em Angola, de familiares seus e dos estudos realizados na temática simbólica.

Helena Canotilho é Professora Adjunta de nomeação definitiva no Departamento de Artes Visuais da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.

Expõe desde 1973 e está representada em várias colecções públicas e privadas (www.ipb.pt/~helenacantilho).



COMPANHEIRO

Estas comunidades rurais do interior peninsular que sempre demonstraram uma profunda religiosidade católica parecem ter estabelecido um perfeito acordo com as manifestações de cariz profano.

No que respeita às manifestações de carácter religioso, a história da civilização ocidental nos seus 2000 anos está muito bem documentada no que respeita à cultura judaico-cristã, será despropositada qualquer abordagem por mais sucinta que seja. Contudo, interessa-nos determinar até que ponto a irreverência perante Deus, coexistiu com a profana e em que âmbito foi permitida.

Através de uma leitura mais ligeira das manifestações profanas e sagradas, somos levados a considerar que estamos perante os rituais referidos e caracterizados por Eliade (1992), parecendo que estas manifestações derivam possivelmente dos rituais iniciáticos pré-cristãos, determinando possível conflito entre o Sagrado e Profano. Tiza (2009) considera estas manifestações como “ritos de passagem” dos jovens, cuja função é a sua plena integração social. Contudo Calvo¹ identifica estas manifestações profanas como tendo origem romana. Para o efeito apoia a sua teoria no latinista francês Bayet (1957).

No entanto, deveremos considerar que a maior parte destas referências podem passar

1. Bernardo Calvo é um professor e historiador Zamorano que se tem dedicado a estudos sobre as manifestações de mascarados de Inverno na região de Zamora.

apenas pela especulação, já que as referências bibliográficas são na maioria recentes e descritas no século XX. No contexto português, a referência mais antiga e credível do fenómeno ligado às manifestações profanas, é a de Baçal (2003), cujos onze volumes das “*Memórias arqueológicas-históricas do distrito de Bragança*” foram publicadas entre 1909-1947.

ANIMAÇÃO ARTÍSTICA, JOGO E CULTURA

Como observadores atentos do fenómeno, confrontados com a nossa formação artística e a experiência ligada à Animação Artística, preferimos de forma objetiva relatar estas manifestações ditas “Sagradas” e “Profanas” neste contexto.

Identificamos a Animação Artística no contexto das três áreas ligadas às Artes Visuais, Expressão Dramática e Teatro e Música, tendo como vertente principal o contexto pedagógico, não apenas limitado ao espaço da escola (Figura 2).

No caso do presente estudo pretendemos contextualizar estas manifestações no campo específico da Animação Artística, sem deixar de manifestar a importância e o contributo que têm os estudos nos campos antropológico, etnográfico, histórico e sociológico.

Optámos por integrar nestas manifestações o conceito de Animação Artística, aqui existente por se potenciar a intervenção homo-

génea das três áreas artísticas, no contexto pedagógico visando:

- A consciencialização criativa da comunidade através do apelo e recurso às suas referências culturais;
- Potencialização dos fenómenos culturais de massas;
- Inclusão dos indivíduos e grupos nas práticas da Animação Artística ficando secundarizado o conceito de espetador;
- Integração da cultura erudita e seus agentes na comunidade, valorizando a intervenção comunitária.



Figura 2

Estas práticas integradoras comunitárias no campo da Animação Artística podem ser ob-

servadas tanto nas “Festas de Inverno em Trás-os-Montes”² como nas Romarias de Verão.

Desde o início dos anos 80 do século XX, e com grande regularidade, observámos, vivenciamos e registamos fotograficamente e graficamente as principais romarias religiosas e as manifestações de mascarados no espaço geográfico identificado no mapa.

Como num programa cultural organizado, o período do Inverno parece estar destinado às dramatizações profanas, cujo palco são as ruas e praças das aldeias rurais das regiões de Trás-os-Montes e Zamora. Nos mesmos locais, mas no período do Verão, têm lugar as manifestações sagradas, cujo palco são preferencialmente os locais mais elevados e isolados onde se realizam as romarias religiosas.

Evitando a separação entre estas duas manifestações humanas, evidenciadas pelo seu carácter simbólico, ritualista, sagrado ou profano, observamos nelas, e de forma integradora, a presença das três componentes artísticas (Artes Visuais, Expressão Dramática e Teatro e Música) nas quais nos atrevemos mesmo a

2. As “Festas de Inverno em Trás-os-Montes” integram o Distrito de Bragança e uma festa na aldeia de Lazarim / Lamego pertencente ao Distrito de Viseu (Alto Douro. Na Província de Zamora estas manifestações são designadas de “Mascaradas de Invierno” Em qualquer dos casos situam-se fundamentalmente no período de Inverno que compreende o espaço entre o Solstício de Inverno e o Equinócio da Primavera. Existe uma festa que se inicia fora deste período realizada na aldeia de Cidões / Vinhais (tem início em 31 de Outubro). Será importante referir que a época do Carnaval, também está incluída nas festas de Inverno.

considerar os aspetos ligadas à dramatização como centrais. Vivenciamos também estas manifestações como fenómenos de carácter integrador e inclusivos das comunidades, quer a nível individual quer de grupos organizados.

Atevemo-nos a identificar aspetos comuns nestes dois fenómenos que coexistem nas mesmas comunidades e que de alguma forma sempre foram tolerados pelas autoridades eclesíásticas e políticas, embora de forma controlada (Maciel, 1998).

Tal como não é possível a concretização de uma romaria religiosa sem o recurso à “Banda de Música” formal e solene, a ausência da gaita-de-foles, geralmente acompanhada de outros instrumentos como o bombo e a caixa, é impeditiva da realização de qualquer ritual de Inverno. Os aspetos plásticos também são valorizados mas de forma diferente. Nas romarias, o traje formal associa-se aos símbolos religiosos. Participantes e espectadores comungam da mesma formalidade do designado “Traje de Domingo” escolhido para os momentos mais solenes. Nas festas de Inverno a desorganização plástica é bem visível através da apresentação dos trajes mais grotescos.

No campo específico da dramatização, observa-se também uma organização formal nas romarias em contraste com o caos generalizado e provocado na maioria das “Festas de Inverno”.

Julgamos que o estudo sobre esta temática deve possuir uma abrangência mais vasta,

através de leituras ligadas ao campo artístico. Na realidade, estamos perante o fenómeno identificado por Caillois (1990), “os jogos e os homens”, que no palco improvisado das aldeias rurais, confunde público, artistas e figurantes. Representam-se as personagens mais temidas, onde o imaginário ancestral vai condicionar a representação formal dos trajes e das máscaras inexpressivas, embaladas pelo som da música da gaita-de-foles, do bombo e da caixa.

Certamente que estamos perante uma “representação” onde se deve questionar o conceito de unidade, tão bem definido pela representação dramática, pelos elementos plásticos presentes e pela música.

DESCRIÇÃO CONCEPTUAL DO TRABALHO

Luís Canotilho tem vindo a desenvolver, insistentemente, através da leitura e representação plástica, vários estudos sobre esta temática, organizando classificações alternativas que não desvirtuem o conceito.

Decidiu partir para a representação exaustiva de quase todas as personagens das “Festas de Inverno em Trás-os-Montes” e das “Mascaradas de Invierno de Zamora”, na técnica de óleo sobre tela. Paralelamente estabeleceu uma leitura idêntica ao nível da composição dos elementos formais das romarias religiosas.

Os trabalhos em estudo até à publicação

do presente artigo já foram expostos nos seguintes locais, com os apoios institucionais das Autarquias de Alfândega da Fé, Bragança e Vinhais, Instituto dos Museus e da Conservação e Instituto Politécnico de Bragança:

- Centro Cultural Adriano Moreira da Câmara Municipal de Bragança – 2010;
- Museu Abade de Baçal de Bragança - 2011;
- Salão de Actos da Câmara Municipal de Vinhais - 2011;

- Centro Cultural José Rodrigues de Alfândega da Fé - 2012.

Mantendo o conceito do “jogo como elemento da cultura”, defendido por Huizinga, associado à área da Animação Artística enquanto propósito, passamos a descrever o processo de construção.

Os dois trabalhos em estudo têm a seguinte identificação:

TÍTULO	FIGURA	TEMA	DIMENSÃO/TÉCNICA
JOGO	4	Festas de Inverno em Trás-os-Montes e Mascaradas de Invierno de Zamora. Período: De 30 de Outubro. Antes do Solstício de Inverno até ao Equinócio da Primavera (Carnaval).	240 cm x 80 cm Óleo sobre tela
CULTURA	5	Período: 8 de Setembro	

Os dois trabalhos de iguais dimensões foram realizados em suportes rectangulares dando-se especial relevância à disposição das formas, tendo como base uma composição geométrica bem estruturada, permitindo, assim, criar no espectador a sensação de estabilidade.

A construção geométrica faz parte da estrutura compositiva de todos os trabalhos do autor. Significa que cada um dos elementos

ou formas da composição definem uma linha geométrica oculta cuja finalidade é criar um ritmo de leitura fácil, intuitivo e objectivo, já que tem sempre em conta um público, na sua maioria, não especialista neste campo (Canotilho, 2009). Este tipo de composição estruturante, que parece estar em desuso pela maior parte dos artistas, a partir do século XIX, continua a ser a base do trabalho pictórico do autor.

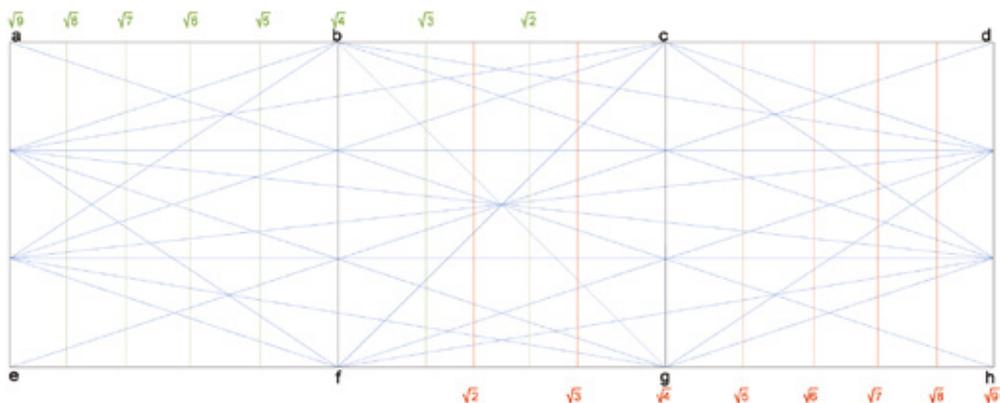


Figura 3 - Estrutura geométrica da composição dos dois trabalhos.

Este tipo de composição utilizada pelo autor nos dois trabalhos, baseada na estrutura geométrica a partir do princípio da proporção áurea, foi descoberto por Euclides e posteriormente estudado por Pitágoras no pentagrama, onde “tudo é número”, característica observável na própria natureza que parece seguir os padrões matemáticos estabelecidos através das relações áureas (Lívio, 2002). Neste tipo de estruturação de uma composição, Hambidge (1920) vem posteriormente a descobrir que as curvas dinâmicas da arte egípcia e grega estavam sujeitas a princípios específicos que podiam ser representados geometricamente através de uma série de retângulos.

A estrutura rectangular comum às duas composições, na figura 3, baseia-se no conceito referido por Jay Hambidge. O quadrado [a, b, e, f] serve de base a uma série de retângulos (raiz quadrada de) $\sqrt{2}$, $\sqrt{3}$, $\sqrt{4}$, $\sqrt{5}$, $\sqrt{6}$, $\sqrt{7}$, $\sqrt{8}$ e $\sqrt{9}$, cujos traços e numeração são assinala-

dos a vermelho. O mesmo sucede, em sentido contrário, a partir do quadrado [c, d, g, h], cujos traços e numeração são assinalados a verde. O resultado é a obtenção de uma composição formada por três quadrados unidos que formam o rectângulo [a, d, e, h]. Em qualquer dos casos, verifica-se que o rectângulo $\sqrt{4}$, construído a partir dos lados direito e esquerdo da composição corresponde à dimensão de dois quadrados. No caso dos rectângulos $\sqrt{5}$ obtidos do lado direito e esquerdo da composição, corresponde à dimensão do quadrado com duas secções áureas.

Continuando a observar a figura 3, a grelha que serve base de à composição dos dois trabalhos tem também representada a “Armadura do Rectângulo”, representada na imagem através das linhas azuis. Trata-se de um processo complementar muito utilizado pelo autor de forma a obter uma composição harmónica mais simplificada, sem a necessidade do recurso à dimensão áurea. Nestas duas composições a di-

mensão áurea está definida e complementada com a Armadura do Rectângulo.

A Armadura do Rectângulo determina linhas de força na composição e parte da subdivisão dos lados do rectângulo em partes iguais. No presente caso, o rectângulo foi sujeito à divisão dos seus lados em três partes iguais. Os pontos de divisão dos lados superior e inferior coincidem com os vértices coincidentes dos quadrados. Lateralmente, os lados também foram subdivididos em duas partes iguais. Pretendeu-se com esta iniciativa estabelecer um acordo na composição entre as propriedades dos rectângulos $\sqrt{2}$, $\sqrt{3}$, $\sqrt{4}$, $\sqrt{5}$, $\sqrt{6}$, $\sqrt{7}$, $\sqrt{8}$ e $\sqrt{9}$ e a Armadura do Rectângulo, pretendendo cumprir o conceito de “Harmonia e Proporção” de Platão³ *apud* Eco (2005):

“Como Deus pretendia assemelhar-se o mais possível ao belo e à perfeição dos seres inteligíveis, criou um ser vivo único entre todos os outros seres vivos, (...) pelo que a beleza só existe quando todos os elementos que o compõem estão no maior grau possível de unidade. A natureza consegue atingir essa unidade através da proporção”.

Sobrepondo a estrutura geométrica da figura 3 nos dois trabalhos objecto deste estudo, respectivamente figura 4 (Jogo) e figura 5 (Cultura), observam-se elementos figurativos antagónicos que ocupam os mesmos espaços nas respectivas composições e assumem igual importância.

3. PLATÃO (428/427 Atenas – 248/347 Atenas). Diálogo “Timeu” que tem como base a origem do Universo.

Coloca-se uma questão fundamental neste tipo de composição. O autor sujeita as figuras humanas à rígida estrutura geométrica baseada na secção áurea e na armadura do rectângulo, distribuindo os elementos pelos pontos e linhas descobertas?

Teremos necessariamente de colocar esta questão relativa aos fundamentos da sintaxe e da alfabetização visual, sugerida por vários autores, dando o autor dos trabalhos especial relevância a Dondis (2002):

“No contexto da alfabetização visual, a sintaxe só pode significar a disposição ordenada das partes e a forma inteligente como as distribui, já que afectará o resultado final da leitura pelo espectador” (p.33).

Na realidade, existe um grupo fixo na composição “Cultura” (figura 5) colocada no centro, constituído pela procissão da Romaria de Nossa Senhora do Nazo, constituída pelo grupo de populares que avançam em direcção aos espectador, de forma ordenada, atrás dos andores protegidos pelo poder militar, representado pelos dois cavaleiros da Guarda Nacional Republicana (G.N.R.). Parece estabelecer-se no presente caso uma união entre os poderes Sagrado (Padre e demais membros eclesiásticos da procissão) e Profano (elementos da G.N.R.). É precisamente a partir deste grupo, imagem que marcou o autor dos trabalhos na Romaria da Senhora do Nazo, em 2004, que se realizaram os estudos de composição.

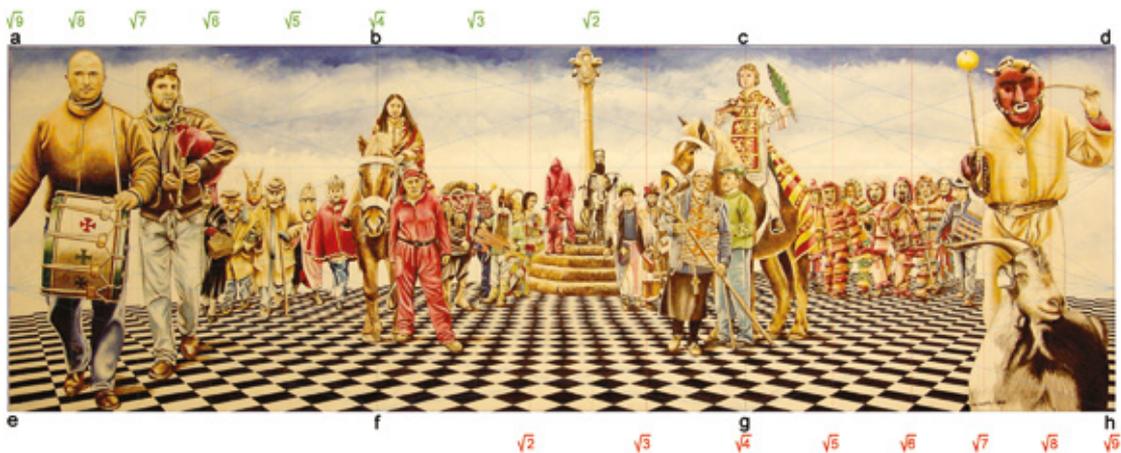


Figura 4 – O Jogo.



Figura 5 – A Cultura.

De forma paralela e através dos estudos realizados nas Festas de Inverno, projectou a mesma disposição no trabalho “Jogo” (figura 4).

Os elementos centrais dos trabalhos em análise são crianças da mesma região, possuidoras do mesmo património cultural judaico – cris-

tão e pertencentes ao mesmo estrato social. Com efeito os elementos simbólicos sagrados compostos pelas bandeiras e acessórios religiosos do trabalho “Cultura” foram substituídos pelos elementos simbólicos profanos dos rituais de Inverno no trabalho “Jogo”. Se no primeiro caso, as crianças seminaristas, por estarem trajadas de branco, identificam

pureza, agitando o Turíbulo⁴ que espalha o odor do incenso, no segundo caso, existe uma criança na quarta escada do pelourinho de Vinhais vestida de Diabo, aconchegada pelo pai que, além de aprovar a iniciativa, faz questão que seja protagonista no cumprimento de um ritual ancestral⁵.

Apesar de ainda não nos debruçarmos sobre o estudo cromático, no primeiro caso, o branco identifica pureza, enquanto o vermelho, a cor do diabo, na perspectiva simbólica da cultura judaico-cristã.

Na composição “Cultura”, uma massa humana de devotos à “Senhora do Nazo”, constituída na maioria por idosos e algumas crianças com problemas de saúde, acompanham a procissão. Na composição “Jogo”, a massa humana é constituída por mascarados de Portugal e Es-

panha⁶, numa actividade impossível de realizar, já que os rituais de Inverno ocorrem nas respectivas aldeias Transmontanas e Zamoranas, algumas em momentos e períodos coincidentes. É possível também estabelecer uma leitura quanto ao protagonismo das personagens nas festas. No primeiro caso, os rituais sagrados por constituírem a “Cultura” são muito bem organizados, com protagonistas bem definidos, como os Padres, os Seminaristas,

4. O Turíbulo ou incensário é o recipiente onde se queima o incenso, tendo função purificadora no ritual, também aromatizadora e criadora de um ambiente propício à meditação.

5. A festa designada de “O Diabo e a Morte” tem lugar na Vila de Vinhais na Quarta-Feira de Cinzas. Existe apenas uma Morte trajada de preto com o esqueleto desenhado e chapéu de papelão transportando uma gadanha. Estrá personagem “silenciosa” é acompanhada de inúmeros Diabos que vão assustando as pessoas. Quando apanham uma rapariga, transportam-na ao pelourinho onde são obrigadas a pronunciar uma “reza”. Nenhum lugar escapa à investida dos Diabos excepto os lugares sagrados. As raparigas na Quarta-Feira de Cinzas apenas têm como defesa as cinzas que lançam sobre os Diabos. Só o interior das Igrejas é impeditivo da entrada dos diabos. Só a Morte pode entrar, o que realmente acontece, para apanhar as raparigas.

6. Identificação das figuras representadas no trabalho o “Jogo” (da esquerda para a direita): Bombo e Gaiteiro de Ousilhão / Vinhais; 6 figuras de mascarados de Lazarim (“Comadres e Compadres”) | Festa que tem lugar no Domingo Gordo e na Terça-feira de Carnaval; Princesa montada de Torre de D. Chama | Festa do Santo Estêvão que tem lugar nos dias 25 e 26 de Dezembro; Diabo de Vinhais com a cara a descoberto | Festa que tem lugar na Quarta-feira de Cinzas; “Diablo Grande” de Serracín de Aliste / Zamora | Festa que tem lugar em 1 de Janeiro; “Chocalheiro da Bemposta” | Festa que tem lugar em 26 de Dezembro e 1 de Janeiro; “Cencerrón” e “Filandorra” de Abejera / Zamora | Festa que tem lugar em 1 de Janeiro; 2 Diabos e Morte no pelourinho de Vinhais | Festa que tem lugar na Quarta-feira de Cinzas; “Belha” e “Bailador” da Festa do Menino Jesus de Vila Chã da Braciosa / Miranda do Douro | Festa que tem lugar em 1 de Janeiro; “Farandulo” de Tó / Mogadouro | Festa que tem lugar em 1 de Janeiro; Popular a segurar o cavalo montado pelo Santo Estêvão; “Caretto” de Ousilhão / Vinhais | Festa que tem lugar em 25 e 26 de Dezembro; “Caretto” de Salsas / Bragança | Festa que tem lugar entre 1 e 6 de Janeiro; “Caretto” de Podence / Macedo de Cavaleiros | Festa que tem lugar no Domingo Gordo e na Terça-feira de Carnaval; “Caretto” de Vila Boa de Ousilhão / Vinhais | Festa que tem lugar no Domingo Gordo e na Terça-feira de Carnaval; “Caretto” de Parada de Infanções / Bragança | Festa que tem lugar entre 24 e 30 de Dezembro; “Caretto” de Rebordãos / Bragança | Festa que tem lugar no Sábado seguinte a 26 de Dezembro; “Caretto” de Baçal / Bragança | Festa que tem lugar no fim-de-semana mais próximo de 5 de Janeiro; “Mordomo” de Tó / Mogadouro | Festa que tem lugar em 1 de Janeiro; “Chocalheiro” de Vale do Porco / Mogadouro | Festa que tem lugar em 1 de Janeiro.

etc., que realizam o ritual de forma ordenada. No segundo caso, o ritual constitui-se como um “Jogo”, com regras pouco definidas, sem elementos rituais escritos, onde os protagonistas estão, na maioria dos casos, mais interessados na criação do caos entre a população, a qual, por sua vez, também é protagonista em todo o processo.

Em ambos os casos, observa-se a existência dos poderes Sagrado e Profano, expresso através dos cavaleiros. No caso do trabalho “Cultura” o Poder Profano é bem identificado pelos dois cavaleiros da G.N.R. que desfilam na frente da procissão, protegendo o Poder Sagrado representado pelos Padres. Embora pareça estranho no trabalho “Jogo”, os cavaleiros representam os dois poderes. O Poder Profano está representado pela menina que monta o cavalo do lado esquerdo, a Princesa das Festas de Santo Estêvão⁷ da Torre de D. Chama / Mirandela, o Poder Sagrado é representado pela figura do Santo Estêvão⁸ que monta o cavalo do lado direito. Poderá parecer estranho, mas nos rituais de mascarados a figura do Santo Estêvão constitui a reverência dos jovens que se mascararam, demonstrando que a Igreja não deixa de exercer influência sobre os rituais de mascarados, tendo mesmo

7. As “Festas de Santo Estêvão” da Torre de D. Chama realizam-se nos dias 25 e 26 de Dezembro, sendo protagonistas inúmeras personagens.

8. “Santo Estêvão” é considerado como o primeiro mártir do Cristianismo, sendo a sua celebração realizada em 26 de Dezembro no Ocidente e em 27 do mesmo mês no Oriente. Transporta na mão esquerda uma palma e na direita um livro com pedras. Consta-se que este santo foi lapidado.

um protagonismo notável em todo o ritual conforme refere Tiza (2004) quando identifica três formas de relacionamento entre o cristão e pagão:

- “- de separação e afastamento total,..;
- de convivência do pagão e do cristão, em que certas figuras e elementos tipicamente paganizantes integram os actos litúrgicos cristãos(...),....;
- de convivência do cristão e do pagão, nas mesas das refeições comunitárias onde estão presentes os sacerdotes e as imagens dos santos e em que, por vezes, é o sacerdote a presidir à refeição ou à cerimónia de transmissão do poder dos velhos para os novos mordomos ou juizes da festa” (pp.16-17).

Lateralmente, constituindo os primeiros planos das composições, aparecem personagens acessórias fundamentais na realização dos rituais. O elemento da banda filarmónica e a “majorette” dos bombeiros constituem os elementos musicais organizados que tocam as marchas religiosas. Nos rituais de mascarados a música é também um elemento fundamental conforme já foi referido. Contudo os sons musicais são gritos produzidos pela gaita-de-foles e pelos instrumentos de percussão, como o bombo e a caixa. A gaita-de-foles não



é utilizada como instrumento musical nos rituais religiosos, por ser associada ao grito do diabo”⁹ segundo Gutiérrez (2009), pelo que se transformou no instrumento de eleição dos rituais de mascarados.

No lado esquerdo dos trabalhos, contrasta a mulher madura trajada de santa no cumprimento de uma promessa, manifestação idêntica nos rituais de mascarados, mas dentro de outro contexto. No presente caso, visualiza-se o “Chocalheiro de Vale do Porco/ /Mogadouro”, cujo jovem mascarado também cumpre um propósito ou promessa.

As figuras animais representam no nosso imaginário judaico-cristão um simbolismo associado a Deus (cordeiro) e ao diabo (cabra).

Voltando a abordar a estrutura geométrica que define as composições, em ambos os casos foi realizada uma disposição das figuras em “túnel” cuja intenção é transportar o observador para o centro do trabalho, local que pretende ser o palco central onde se desenrola o conteúdo descritivo principal, formado pelo antagonismo entre as festas religiosas (Cultura) e as festas dos rituais de mascarados (Jogo). O espaço atmosférico e o terreno têm a mesma dimensão definida por uma linha do horizonte invisível.

O autor define dois tipos de perspectiva, pro-

9. Câmara Municipal de Bragança e Deputación Provincial de Zamora – “Máscaras da Província de Zamora, do Nordeste Transmontano y Duero”. Edição cofinanciada pelo INTERREG III A. Brinográfica, Industrias Gráficas, Ida. Bragança. 2009.

vocando uma maior profundidade e tridimensionalidade nos trabalhos. A opção pela perspectiva paralela no trabalho “Cultura” permite uma maior estabilidade emocional, já que se baseia em ortogonais, cuja suavidade do seu traçado e profundidade associadas à ortogonalidade posicional das linhas horizontais representadas na linha invisível do horizonte e nas quadrículas do chão, associadas às figuras humanas e animal em posição perfeitamente vertical, permite recriar um ambiente onde as figuras estáticas progridem ordenadamente em direção ao espectador. Cria-se desta forma, a noção de equilíbrio físico que, segundo Dondis 2002 (p.35), “é o estado psicológico e físico que a percepção humana mais importância dá”.

No caso do trabalho “Jogo”, o autor optou pela perspectiva oblíqua, o que permite estabelecer uma leitura desorganizada, ambígua e precipitada, própria do ambiente criado neste tipos de rituais de mascarados, onde, muitas vezes, a noção de caos se sobrepõe a qualquer tipo de regra pré-estabelecida. Recria-se, neste caso, o conceito de tensão.

Em ambos os casos, os cavaleiros situam-se sobre os lados dos quadrados, no ponto em que o retângulo $\sqrt{4}$ corresponde a dois quadrados, cujo lado é a sua dimensão menor. Correspondem também aos dois centros definidos pela armadura do retângulo. Na linha vertical central dos trabalhos, existem os elementos simbólicos religiosos (andores, bandeiras, cruzes, flores, turíbulo, etc.) e profanos (corda, cinto, gadanha, pelourinho, etc.), complementados com as crianças trajadas de

forma a estabelecerem leituras antagónicas.

PROCEDIMENTO TÉCNICO

A armadura do retângulo define linhas que identificam gestos e movimentos, entre outros, como no caso do braço da “majorette” que coincide com a posição da Tuba. O mesmo sucede com os braços dos rapazes do Bombo e da Gaita-de-foles.

Se observarmos a planta da composição, mais facilmente poderemos concluir da intencionalidade em orientar o olho do observador para o centro do trabalho, através da colocação dos planos em perspectiva (figura 6). O resultado é uma massa humana que avança na direcção do observador.

Sob o ponto de vista técnico, os trabalhos estão realizados num suporte de tela de estopa de linho, esticada sobre uma grade de madeira de pinho tratado com duas travessas verticais e uma lateral.

O autor utilizou a técnica da pintura a óleo, recorrendo aos óleos comerciais dos fabricantes Winsor, Newton e Ferrario. Também utilizou tinta de esmalte branca comercial, para a realização das texturas nas nuvens, utilizando para o efeito espátulas. Na diluição das cores o trabalho é realizado através de

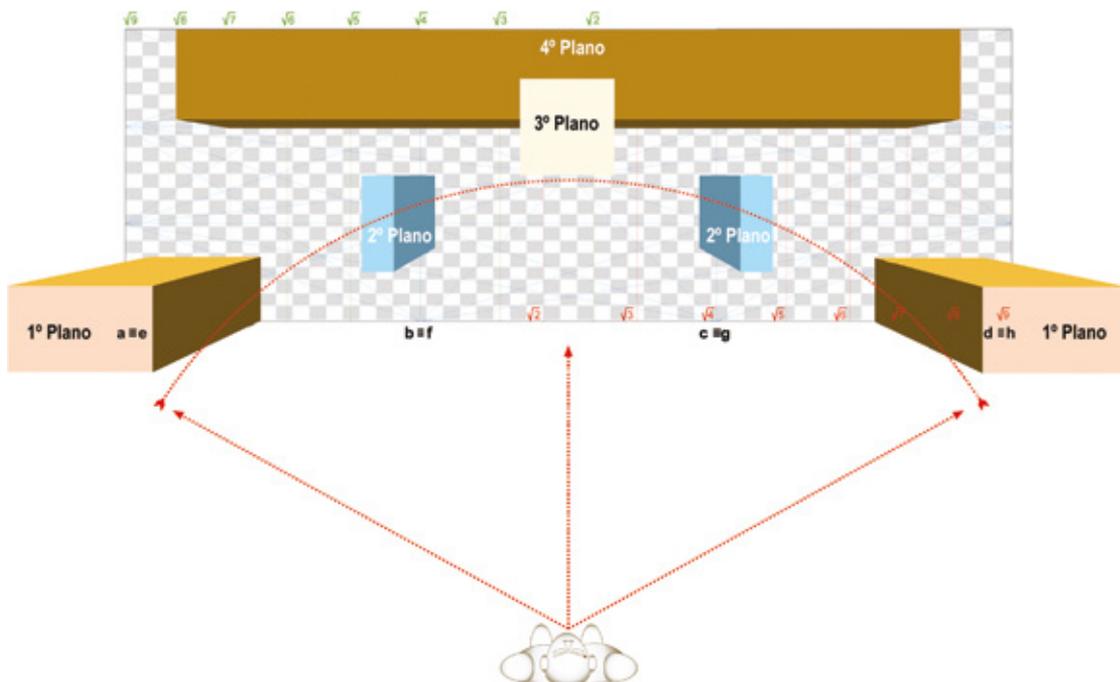


Figura 6 – Planta da composição.

várias “velaturas”¹⁰ utilizando um aglutinante feito pelo autor a partir de uma mistura de óleo de linhaça com aguarrás, cuja proporção foi aumentando de camada para camada até um máximo de 15% de óleo de linhaça (o emprego do óleo de linhaça produz uma pintura com mais “corpo”, significando este termo espessura e textura). O autor não utiliza na pintura outros produtos ou componentes como essência de terbenfina, secantes, ceras ou outros médios comerciais.

As opções cromáticas limitaram-se à representação das nuvens e das quadrículas. No primeiro caso, as nuvens do trabalho “Cultura” ampliam a ilusão de profundidade e foram realizadas com o recurso ao azul cerúleo, branco de zinco, branco titânio e também de tintas de esmalte comerciais trabalhadas com espátula e pinceis de pelo grosso. No trabalho designado “Jogo”, a atmosfera está mais carregada devido ao emprego do azul da Prússia, não se produzindo o ambiente de perspectiva como no trabalho anterior, embora a técnica empregue seja a mesma. Os quadrados do trabalho “Cultura” foram preenchidos intencionalmente com as cores das fardas dos militares da G.N.R., dando ênfase ao conceito de Cultura institucionalizada definida pelo Poder Profano e apoiada pelo Poder Sagrado. No segundo trabalho, as quadrículas brancas e pretas pretendem identificar o conceito de igualdade entre os participantes e a ausência do

10. O termo “velatura” corresponde a uma camada de tinta a óleo dada quando sobreposta a outra, permitindo transparências mais ou menos acentuadas, dependendo do grau de diluição e do tipo de pigmentos utilizados.

Poder Profano, embora e como já foi referido, o Poder Sagrado esteja presente em todos os momentos do ritual.

Sendo um trabalho de índole realista o autor limitou-se a representar as tonalidades utilizadas nos rituais dos mascarados e religiosos. As cores utilizadas são as mesmas, conforme se pode observar, exceto a cor branca que está ausente dos rituais dos mascarados, cuja paleta de cores é maioritariamente vermelha, enquanto que nos rituais religiosos o azul assume um papel fulcral.

Tendo como base a Teoria da Gestalt II, o autor revela preocupação por uma pintura realista, dando sumária importância aos elementos visuais que constituem o processo da comunicação, fomentando a necessária unidade da composição através do emprego da ilusão da perspectiva (Gomes, 2002).

Esta unidade é conseguida através de uma definição das formas realistas apoiadas na definição e manipulação dos seus elementos básicos: Ponto; Linha; Contorno; Direção; Tonalidade; Cor; Textura; Dimensão; Escala; Movimento.

A pintura obedece a uma rigorosa metodologia no emprego da cor através do processo de velaturas e de pintura encorpada.

11. Von Ehrenfels foi o filósofo vienense precursor da psicologia da Gestalt nos finais do séc XIX. Max Wertheimer, Wolfgang Köhler, Kurt Koffka e Kurt Goldstein são personalidades fundamentais no incremento da teoria da Gestalt.

Para o autor, o método utilizado na pintura parte do sistema subtractivo muito explorado por Itten (2005), Professor e Pintor suíço ligado à Bauhaus.

O autor dos trabalhos identifica cores que, independentemente da sua origem ou composição química, produzem novas cores a partir das primárias vermelho, azul e amarelo (sistema subtractivo) e valores que constituem a degradação desde o branco ao preto. Assim sendo separa o branco e o preto, bem como todas as suas degradações de cinzentos possíveis de distinguir pelo olho humano, de qualquer identificação com as cores.

Apoia-se num princípio pessoal de que a cor possui três dimensões: Escurecimento; Saturação; Tonalidade. Neste contexto, para o autor, a obtenção de uma nova cor (Tonalidade) só é possível através da mistura com outra cor (Tonalidade) qualquer existente na roda ou disco das cores de Itten. Esta primeira dimensão designa-a de Tonalidade e permite obter novas cores. A segunda dimensão sugerida é o Escurecimento conseguido através da junção do preto. Neste caso não se obtêm nova cor com a maior ou menor junção do preto, ficando apenas mais ou menos escurecida. Através da junção do branco, o autor entende que se passa o mesmo fenómeno que em relação ao preto. A cor não é alterada, simplesmente saturada.

Portanto, neste contexto, o autor identifica Tonalidades (cores) e Valores (branco e preto), não se obtendo cores (Tonalidades) com a

mistura do branco ou do preto.

Este entendimento permite valorizar o desenho geométrico que define a perspectiva através da utilização da cor. Nos dois trabalhos verifica-se a utilização das tonalidades nos primeiros planos e a saturação das mesmas, que vai aumentando conforme o afastamento dos planos. A perspectiva também é identificada através da definição da linha, observando-se um maior recorte das figuras nos primeiros planos, terminando na saturação e indefinição das formas nos planos mais afastados. Muitos artistas definem este aspecto como focagem / desfocagem das formas com o afastamento dos planos. A utilização do escurecimento serve para estabelecer um corte fundo / figuras e para o processo de modelação das formas.

O processo de construção da obra pictórica, independentemente do número de velaturas ou camadas de óleo dadas pelo autor nas duas obras, passa por quatro fases distintas, que passamos a abordar sucintamente:

1ª Fase | **COMPOSIÇÃO** - Definição do tema através de diversos estudos que incluem uma revisão bibliográfica > Estudos de composição > Integração do tema da composição no espaço geométrico e na perspectiva > Opção pelo suporte > Concretização do desenho;

2ª Fase | **TONALIDADE** – Preenchimento do suporte com as tonalidades, privilegiando o contraste das cores complementares (Nesta fase as formas estão basicamente definidas

através do contraste das tonalidades assumindo uma leitura ainda bidimensional);

3ª Fase | PROFUNDIDADE – Nesta fase e através de velaturas é construída a perspectiva através da cor realçando os primeiros planos com tonalidades quentes e avançando para os últimos planos através do emprego cada vez maior de tonalidades frias que geralmente terminam nas azuis. Novamente o conceito de cores frias e quentes é estabelecido a partir dos estudos de Itten (2005) e de Hicethier (1985). Este último autor teoriza a cor em 1952 a partir do cubo das cores de Charpentier, criado em 1885;

4ª Fase | SATURAÇÃO E ESURECIMENTO – Modelação das formas através da saturação e do escurecimento das tonalidades dependendo da incidência da luz em contraste com as sombras produzidas > Definição rigorosa das sombras próprias e projectadas nas formas > Saturação dos últimos planos recorrendo à indefinição formal > Identificação do brilho em determinadas formas existentes nos primeiros planos.

CONCLUSÕES

O autor desenvolveu o seu trabalho na técnica de óleo sobre tela, de cariz realista, tendo como base duas temáticas comuns às regiões de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal) e de Zamora (Espanha), relacionadas com os designados rituais das “Festas de Inverno em Trás-os-Montes” e “Mascaradas de Invierno

de Zamora”, em confronto com as romarias espanholas e portuguesa, que têm lugar nos meses quentes de Verão, com especial incidência em Agosto.

Para o efeito, procurou estabelecer critérios e semelhanças, evitando cair no facilitismo dos conceitos “Sagrado e Profano”.

O autor considera que as Artes não se limitam a um mero exercício técnico, expressivo ou subjetivo, tão simplesmente a um trabalho de investigação dentro dos critérios científicos exigidos de forma rigorosa. Portanto, não deveremos ignorar que no presente caso da pintura, o exercício final técnico e expressivo necessita de partir da investigação sobre um tema, de forma organizada e metódica, passando pela definição do problema, investigação sobre o mesmo recorrendo aos clássicos e à revisão bibliográfica. A metodologia empregue é fundamental para a realização da composição e concretização do trabalho, bem como os resultados de uma normal investigação e respectivas conclusões, que neste campo deverão ser críticas por parte do autor e dos observadores.

Como especialista que é dos rituais de Inverno em Trás-os-Montes e Zamora, bem como observador atento das inúmeras romarias religiosas da fé católica existentes nos mesmos espaços geográficos, decidiu confrontar os dois rituais através de duas obras pictóricas, estabelecendo semelhanças, tendo como ponto de partida a romaria da Nossa Senhora do Nazo, perto de Miranda do Douro.

Sem colocar de parte os conceitos interligados de “Sagrado” e “Profano” explorados por Mircea Eliade, preferiu estabelecer uma nova leitura dentro do conceito de Animação Artística, área do saber que leciona em cursos de licenciatura e mestrado.

O que o autor observou nestes rituais parece ser à primeira vista antagônico ao nível simbólico, de conteúdo e significado. Contudo, ao abstrair-se do significado e da significância dos elementos inseridos, consegue trabalhar os elementos numa unidade contextual através da intervenção das áreas artísticas das Artes Visuais, Expressão Dramática e Teatro e Música.

Também observou nos dois trabalhos uma consciencialização criativa comum nas comunidades estudadas, potencializadoras de uma cultura de massas, onde todos os indivíduos e os grupos pertencentes às comunidades estudadas são espectadores / participantes.

Mantendo o conceito do “jogo como elemento da cultura”, defendido por Huizinga, associando em paralelismo o conceito de Animação Artística enquanto propósito, estabeleceu duas composições pictóricas tendo como base estudos de geométrica, a partir da ro maria de Nossa Senhora do Nazo, realizando idêntica composição, substituindo as figuras pelas de mascarados dos rituais de Inverno.

Tendo em vista um público diversificado e não apenas erudito, o autor consegue transmitir a mensagem através da utilização da lingua-

gem realista, representando e identificando semelhanças fundamentais que vão desde os procedimentos comuns ligados à animação artística das comunidades envolvidas, à forma e à cor. Este resultado conseguido através da linguagem pictórica apoia-se na Teoria da Gestalt, através da importância dada aos elementos representados, construídos numa unidade indissociável que passa também pela perspectiva.

A expressividade da cor é conseguida através do processo de velaturas e da pintura incorporada construída através de quatro fases distintas: Composição; Tonalidade; Profundidade; Saturação e Escurecimento.



O presente estudo foi realizado por três especialistas da área das artes visuais (dois artistas plásticos e um arquiteto) e identificou o processo de realização dos trabalhos, que teve início na investigação de um tema, organização da composição e posterior realização técnica expressiva e criativa.

Julgamos como investigadores que o estudo deverá ter continuidade, agora através de uma avaliação por inquéritos dirigida a três públicos distintos: Outros especialistas e estudiosos; Alunos de cursos artísticos; Populações rurais onde se realizam estes rituais de mascarados e religiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAÇAL, A. (2003). *Memórias arqueológicas-históricas do distrito de Bragança*. 11 volumes (1909-1947). Nova Edição da Câmara Municipal de Bragança.
- BAYET, J. (1957). *Histoire politique et psychologique de la religion romaine*. Paris: Edit. Payot..
- CALLOIS, R. (1990) *Os Jogos e os Homens. A máscara e a vertigem*. Lisboa: Edições Cotovia.
- CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA e DEPUTACIÓN PROVINCIAL DE ZAMORA (2009). *Máscaras da Província de Zamora, do Nordeste Transmontano y Duero*. Bragança: Bringráfica, Indústrias Gráficas, lda.. Edição cofinanciada pelo INTERREG III A.
- CANOTILHO, L. (2009). *Do quadrado ao Ponto da Bauhütte*. Série Estudos n° 94. Edição do Instituto Politécnico de Bragança.
- ECO, H. (2005). *Historia de la Belleza*. Italia. Segunda edición. G. Canale & Borgaro Torinese (TO).
- ELIADE, M- (1992). *O sagrado e o profano*. São Paulo. Editora Martins Fontes.
- FILHO, J. G. (2002). *Gestalt do Objecto: sistema de leitura visual da forma*. UK: Amazon.co.
- HAMBIDGE, J. (1920). *Dynamic Symmetry: The Greek Vase*. New Haven CT: Yale University Press.
- HICKETHIER, A. (1985). *Le cube des couleurs*. Paris: Dessain et Toldra.
- ITTEN, J. (2005). *Art of color*. NY: Edit. Wiley and Sons.
- LIVIO, M. (2002). *The Golden Ratio: the Story of Phi, the World's Most Astonishing Number*. New York: Broadway Books.
- MACIEL, S. A. (1998) *A Máscara de Ousilhão (Vinhais). Uma leitura Antropológica e Metafísica*. Edição da Câmara Municipal de Vinhais.
- TIZA, A. (2004). *Inverno Mágico, ritos e mistérios transmontanos*. 1ª Edição. Lisboa: Editora Ésquilo.
- TIZA, A. (2009). *Máscaras da Província de Zamora, do Nordeste Transmontano e Douro (estudo antropológico)*. Edição da Câmara Municipal de Bragança e da Diputación Provincial de Zamora.





CONTINUIDADE

ALQUIMIA

POR GONÇALO RIBEIRO

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como base o tema da Alquimia.

No anseio pelo desconhecido, numa óptica de experimentação, coloquei-me imediatamente 3 questões:

- Qual o Objectivo da Alquimia?
- Qual o Processo que utiliza?
- Que Resultado se espera obter?

Ter um discurso mais reflectivo, centrado na actualidade, efectuando um trabalho académico mas também prático, pois se este fosse profundo e extenso seria mais uma Grande Obra. Neste momento só estarei apto a ficar consciente para a mesma, caminhando passo a passo para algo que está dentro do homem.

Grandes Homens dedicaram uma vida a fazê-lo. A Operatividade e a Especulatividade dos seus actos foi imensa, envolvendo-os em todos as suas acções do seu dia-a-dia, desafiando-os a dedicarem uma vida ao conhecimento e à experimentação. Será esse o meu caminho? As palavras do filósofo Sócrates, cada vez fazem mais sentido. Metodologicamente, utilizando o “conhece-te a ti mesmo”, navegamos à velocidade da luz para o abismo do:

“Só sei que nada sei”

Uma metodologia foi traçada. Os 4 pontos que abaixo descrevo de forma responder às três questões anteriores serão ponto de partida, para esta jornada:

- Origens da Alquimia: onde começou, que princípios a fizeram emergir e tornar um modelo;

- Alquimistas: quem são, qual o seu contributo e como inspiraram os demais;

- A oficina do Alquimista: como era constituída, por onde posso começar;

- A Grande Obra: o que representa?

1. ORIGENS DA ALQUIMIA

Existem diversas opiniões sobre a origem da palavra Alquimia e seus conceitos:

- A expressão pode derivar do árabe *alkimia*, em que *al* seria o artigo e a palavra *kimia* poderia ter como interpretações, como *kmt* ou *chem*, que significa “Terra Negra”, nome que os Egípcios davam ao contraste entre o Nilo e as areias do deserto.

- Há ainda quem refira que que *al*, em árabe, designa Ser supremo o Todo-Poderoso, como *Allah*. O termo alquimia, designa desde os tempos mais recuados, a ciência de Deus, ou seja a química de *Al*.

Em termos de cronologia, após pesquisa de vários autores, podemos dividir a sua aparição num período de tempo definido em 4 momentos:

1. Como aparição, refere-se que o primeiro manuscrito se encontrou na Babilónia em 1.000 a.C., em período igual, na Índia, é mencionado, no Atarveda, o conceito de uma droga que produzia a imortalidade.

2. Existem referências também na China em 300 a.C.

3. Instala-se na filosofia grega a partir de 100 a.C. - 1.000 d.C.

4. Depois, a partir da Síria e da Pérsia e directamente a partir do Egipto, desenvolve-se a alquimia árabe, herdeira desta tradição, em 850 d.C.

Vejamos algumas definições de Alquimia:

- Dicionário dos Símbolos

“A Alquimia é a da transmutação dos metais, tendo em vista a obtenção do ouro.”

“A alquimia é baseada na crença de que há quatro elementos básicos --fogo, ar, terra e água-- e três essenciais: sal, enxofre e mercúrio. Grandes sistemas simbólicos e metafísicos foram construídos sobre esses sete pilares da alquimia.”

- Wikipédia

“A Alquimia é uma tradição antiga que combina elementos de Química, Física, Astrologia, Arte, Filosofia, Metalurgia, Medicina, Misticismo, Geometria e Religião. Existem três objectivos principais na sua prática. Um deles é a transmutação dos metais inferiores ao ouro, o outro a obtenção do Elixir da Longa Vida, um remédio que curaria todas as doenças e daria vida longa àqueles que o ingerissem. Ambos os objectivos poderiam ser atingidos ao

obter a pedra filosofal, uma substância mística. Finalmente, o terceiro objectivo era criar vida humana artificial, os homunculus.”

Mas estas observações são demasiado vagas e dispersas. Noutras, a alquimia reveste-se de um aspecto desconhecido, oculto e místico. Muitos dos textos alquímicos, rebuscados e contraditórios, devem ser entendidos sob esta perspectiva, mais interessados em esconder do que em revelar.

Contudo, segundo alguns estudiosos, podemos ter dois tipos básicos de alquimia:

- A Oriental, à procura da imortalidade e cura das doenças;
- A Ocidental em busca da pedra filosofal, que permitira a transformação dos metais em ouro.

No entanto, ambas tendem a um profundo sentido espiritual, visto que a própria transmutação dos metais é um exemplo deste aspecto místico da alquimia. Como, tradicionalmente, o ouro era considerado o metal mais nobre, ele representava esta perfeição. Assim, a transmutação dos metais inferiores em ouro representa o desejo do alquimista de auxiliar a natureza na sua obra, levando-a a um estado de maior perfeição.

Os textos védicos referem o ouro como a imortalidade e é para isso que tende a única transmutação real: a da individualidade humana, assim como textos chineses, através

do Guru “Nagarjuna”, afirma que é possível transformar chumbo em ouro, mas só será possível através da virtude espiritual.

Já no ocidente, Angelus Silesius, refere que “ o chumbo transforma-se em ouro, o acaso dissipa-se quando, com Deus, eu sou transformado por Deus em Deus. É o coração que se transforma em ouro do mais fino é Cristo ou a Graça divina que são a tinta.”

2. ALQUIMISTAS

Podemos encontrar vários tipos de definições. De uma forma estruturada, Vitor Zalbidea definiu cinco tipologias. Cometi a audácia de as agrupar em quatro:

1. Os Assopradores, aqueles que procuram a pedra apenas pela riqueza.
2. Os Químicos, como Lúlio, Vilanova ou Roger Bacon, em que a perspectiva tem um foco claro na Química.
3. Os Simbólicos, que com base na mitologia, criavam analogias entre os metais e os símbolos, ou em que criavam símbolos em todo o processo, como Basílio Valentim ou Paracelso, ou, por fim, os totalmente simbólicos, como Zózimos
4. Os Místicos, aqueles em que o processo alquímico pressupõe uma transformação espiritual do homem, como é o caso do ioga chinês.

Na tabela em anexo, tentei efectuar uma compilação de alguns exemplos que possam sustentar esta definição:

NOME	CONTRIBUTO
Hermes Trismegisto	Atribuiu-se-lhe a Execução da Tábua de Esmeralda.
Roger Bacon	«...A alquimia é a ciência que ensina a preparar uma certa medicina ou elixir, o qual, sendo projectado sobre os metais imperfeitos, lhe comunica a perfeição...»
Alberto Magno	Conseguiu preparar a potassa cáustica. Foi o primeiro a descrever a composição química do cinabre, do alvaiade e do mínio.
Raimundo Lúlio	Preparou o bicarbonato de potássio
Paracelso	Identificou o zinco e foi pioneiro na utilização medicinal dos compostos químicos
Basile Valentin	Descobriu os ácidos sulfúrico e clorídrico[2]
Giambattista della Porta	Preparou o óxido de estanho
Carl Jung	A psicologia moderna também incorporou muito da simbologia da alquimia. C. Jung reexaminou a simbologia alquímica procurando mostrar o significado oculto destes símbolos e sua importância como um caminho espiritual. Mas com certeza a maior influência da alquimia foi nas chamadas ciências ocultas. Não há ramo do ocultismo ocidental que não tenha recebido alguma ideia da alquimia e que não a referencie.

Paulo Coelho, em “O Alquimista”, tem uma deliciosa interpretação, em que diz:

“Conheci verdadeiros alquimistas – continuou - fechavam-se no laboratório e tentavam evoluir como o ouro, descobriram a pedra filosofal. Porque tinham compreendido que quando uma coisa evolui, também evolui o que está a sua volta.

Outros conseguiram a pedra por acidente. Já tinham o dom, as suas almas estavam mais despertas que a das outras pessoas. Mas estes não contam porque são raros.”

Outros, enfim, procuravam o ouro. Estes jamais descobriram o segredo. Esqueceram-se que o chumbo, o cobre, o ferro também têm a sua lenda pessoal.”

3.A OFICINA DO ALQUIMISTA

a) Simbologia

Os alquimistas acreditavam que o mundo material é composto por matéria-prima sob várias formas, as primeiras dessas formas eram os quatro elementos (água, fogo, terra e ar), divididos em duas qualidades: Húmido (que trabalhava principalmente com o orvalho), Seco, Frio ou Quente. As qualidades dos elementos e suas eminentes proporções determinavam a forma de um objecto; por isso, os alquimistas acreditavam ser possível a transmutação: transformar uma forma ou matéria em outra alterando as proporções dos elementos através dos processos

de destilação, combustão, aquecimento e evaporação.

Por outro lado, recorrendo a uma simbologia especulativa, mas no plano cosmológico, as duas fases da coagulação e da solução correspondem às do ritmo universal. Kalpa e pralaia, involução-evolução; inspiração-expiração, tensões alternativas de *tamas* e *sattva*.

b) Processo Alquímico

O processo/metodologia inerente, muitas das vezes associado a operatividade da transmutação dos metais, pressupõe quatro seguintes etapas, em que a matéria passaria por quatro estágios principais, que por vezes, também tem significado espiritual:

1. Nigredo: ou Operação Negra, o estágio em que a matéria é dissolvida e putrefacta (associada ao calor e ao fogo);
2. Albedo: ou Operação Branca, o estágio em que a substância é purificada (associada à ablução com *Aquae Vitae*, à luz da lua, feminina e à prata);
3. Citrinitas: ou Operação Amarela, é o estágio em que se opera a transmutação dos metais, da prata em ouro, ou da luz da lua, passiva, em luz solar, activa;
4. Rubedo: ou Operação Vermelha, o estágio final, em que se produz a Pedra Filosofal - o culminar da obra ou do casamento alquímico.

As etapas essenciais à Grande Obra são o branco (albedo) e a obra ao rubro (rubedo). No entanto, existem perigos na sua busca. Os processos apresentam perigo real de

explosão (algumas composições resultam em reacções violentas, que se aproximam da pólvora), queimaduras (temperatura próximas dos 1000 °C e quase sempre acima dos 100 °C, ácidos e bases fortes), envenenamento (gases) e toxicidade por metais (Mercúrio, Antimónio, Chumbo). Os perigos psicológicos são também reais, em consequência de trabalho excessivo, concentração prolongada, frustração repetida, falta de repouso, por vezes isolamento, estímulos à imaginação, etc.

Os elementos da Grande Obra são, no ocidente, o enxofre, o mercúrio, o fogo a água, a actividade e a passividade, as influências terrestres e celestes, cujo equilíbrio é produzido pelo sal. Na alquimia interna dos taoistas com referências ao tantrismo, esses elementos são o K'i e o tsing, o sopro e a essência, igualmente fogo e água.

c) A Grande Obra

O conceito rosa-cruz do cosmo ensina-nos que está reservada aos planetas uma evolução futura. Quando os seres desse planeta se desenvolvem até a um certo grau, esse planeta transforma-se em sol. Nesse sentido, estão definidos três períodos de evolução:

- Passado, em que o homem está curvado para dentro, a inconsciência.
- Presente, posição vertical, a consciência está numa extremidade, (relação com o ovo e com os chacras na cabeça).
- Futuro, curvado para fora, como nas esferas celestes, a consciência está dentro.

Por definição, “Hermes Trismegisto” (em latim: Hermes Trismegistus; “Hermes, o três vezes grande”) é o nome dado pelos neoplatônicos, místicos e alquimistas ao deus egípcio Thoth (ou Tehuti), identificado com o deus grego Hermes. Eram reconhecidos como os deuses da escrita e da magia nas respectivas culturas.

Como “escriba e mensageiro dos deuses”, no Egito Helenístico, Hermes era tido como o autor de um conjunto de textos sagrados, ditos “herméticos”, contendo ensinamentos sobre artes, ciências e religião e filosofia - o Corpus Hermeticum - cujo propósito seria a deificação da humanidade através do conhecimento de Deus. É pouco provável que todos esses livros tenham sido escritos por uma única pessoa, mas representam o saber acumulado pelos egípcios ao longo do tempo, atribuído ao grande deus da sabedoria.”



ESPAÇO

TABVLA SMA-
RAGDINA HERMETIS TRIS-
megisti Ἡρμῆς Τρισημέστου. Incerto interprete.



Verba Secretorū Hermetis, q̄ scripta erāt in tabula Smaragdī, inter manus eius inuenta, in obscuro antro, in q̄ humatum corpus eius repperū est. Verū sine mendacio, certū, & uerissimū. Quod est inferius, est sicut q̄d est superius. Et q̄d est superius, est sicut q̄d est inferius, ad p̄petrāda miracula rei unius. Et sicut oēs res fuerūt ab uno, meditatiōe unius. Sic oēs res natæ fuerūt ab hac una re, adaptatiōe. Pater eius est Sol, mater eius Luna. Portauit illud uentus in uētre suo. Nutrix eius terra est. Pater omnis telesmi totius mūdi est hic. Vis eius integra est, si uersa fuerit in terrā. Separabis terrā ab igne, subtile à spisso, suauit cū magno ingenio. Ascendit à terra in cœlū, iterumq̄ descendit in terrā, & recipit uim superiorū & inferiorū. Sic habebis gloriā totius mundi. Ideo fugiet à te omnis obscuritas. Hic est totius fortitudinis fortitudo fortis, quæ uincet omnem rem subtilem, omnemq̄ solidam penetrabit. Sic mundus creatus est. Hinc erunt adaptationes mirabiles, quarū modus hic est. Itaq̄ uocatus sum Hermes Trismegistus, habens tres partes philosophiæ totius mundi. Completū est, q̄d dixi de operatiōe Solis.

- (1) É verdade, certo e muito verdadeira:
- (2) O que está em baixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está em baixo, para realizar os milagres de uma única coisa.
- (3) E assim como todas as coisas vieram do Um, assim todas as coisas são únicas, por adaptação.
- (4) O Sol é o pai, a Lua é a mãe, o vento o embalou em seu ventre, a Terra é sua alma;
- (5) O Pai de toda Telesma do mundo está nisto.
- (6) Seu poder é pleno, se é convertido em Terra.
- (7) Separarás a Terra do Fogo, o sutil do denso, suavemente e com grande perícia.
- (8) Sobre da terra para o Céu e desce novamente à Terra e recolhe a força das coisas superiores e inferiores.
- (9) Desse modo obterás a glória do mundo.
- (10) E se afastarão de ti todas as trevas.
- (11) Nisso consiste o poder poderoso de todo poder: Vencerás todas as coisas utis e penetrarás em tudo o que é sólido.
- (12) Assim o mundo foi criado.
- (13) Esta é a fonte das admiráveis adaptações aqui indicadas.
- (14) Por esta razão fui chamado de Hermes Trismegistos, pois possuo as três partes da filosofia universal.
- (15) O que eu disse da Obra Solar é completo.

4. O ALQUIMISTA DO SÉC. XXI

“No dia seguinte apareceu o primeiro sinal concreto de perigo. Três guerreiros aproximaram-se e perguntaram o que faziam o Alquimista e o rapaz por ali.

– Vim caçar com o meu falcão – respondeu o alquimista.

– Precisávamos de revista-los para ver se não levam armas – disse um dos guerreiros.

O alquimista desceu devagar do seu cavalo. O rapaz fez o mesmo.

– Para quê tanto dinheiro? – perguntou o guerreiro, quando viu a bolsa do rapaz.

– Para chegar ao Egito disse ele.

O guarda que revistou o Alquimista, encontrou um pequeno frasco de cristal cheio de líquido, e um ovo de vidro amarelado, pouco maior que um ovo de galinha. O que são estas coisas? – Perguntou o guarda.

– É a pedra filosofal e o elixir da Longa Vida. É a grande obra dos alquimistas. Quem, beber este elixir jamais ficará doente, e uma lasca desta pedra transformará metal em ouro.

Os guardas riram a valer e o alquimista riu com eles. Tinham achado a resposta muito engraçada, e deixaram partir sem maiores contratempos, com todos os pertences.

– O senhor está Louco? – perguntou o rapaz ao alquimista, quando já se tinham distanciado bastante.

– Para que é que fez isto?

– Para te mostrar uma simples lei do mundo – respondeu o Alquimista. – Quando temos os grandes tesouros diante de nós, nunca nos apercebemos. E sabes porquê? Porque os homens não acreditam em tesouros.”

Qual o papel da Alquimia no séc. XXI?

Julgo que é uma inspiração. Que nos indica um caminho, em que existe uma parte material e outra espiritual. Simboliza a evolução do homem de um estado onde predomina a matéria e para um no qual queremos que o espírito se sobreponha.

O estudo e aplicação dos metais na sociedade existe, pois a sua aplicação é notória e enquanto estes existirem na Mãe Terra, para poderem ser resgatado ao seu ventre, terão a sua aplicabilidade. No entanto, novos materiais compostos emergem - resinas, fibras de carbono, super ligas de titânio, carbono, ou alumínio - , evoluem a grande ritmo, e novos Alquimistas surgem.

Utilizando uma linguagem psico-química, biológica ou filosófica dos elementos quando comparados na natureza simbólica, será que estamos preparados para acreditar que existem tesouros? Ou estamos a preparar-nos cada vez mais para os criar num plano evolutivo da Sociedade que tende para a Iluminação?

5. BIBLIOGRAFIA

Pierre MONTLOIN e Jean Pierre BAVARD, *Os Rosa Cruz*, Edições 70, Paris, 1971.

Max HEINDEL, *Conceito Rosa Cruz do Cosmos*, Lisboa, 1989, 3ª edição.

Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, Teorema, 1982

Vários autores, *Alquimia e Ocultismo, Selecção de Textos*, Coleção Esfinge, Edições 70, 1972

A.M.AMORIM da Costa, *Alquimia um discurso religioso*, 1ª edição, Vega 1999.

Alexander ROOB, *Alquimia e Misticismo*, Editora Taschen.

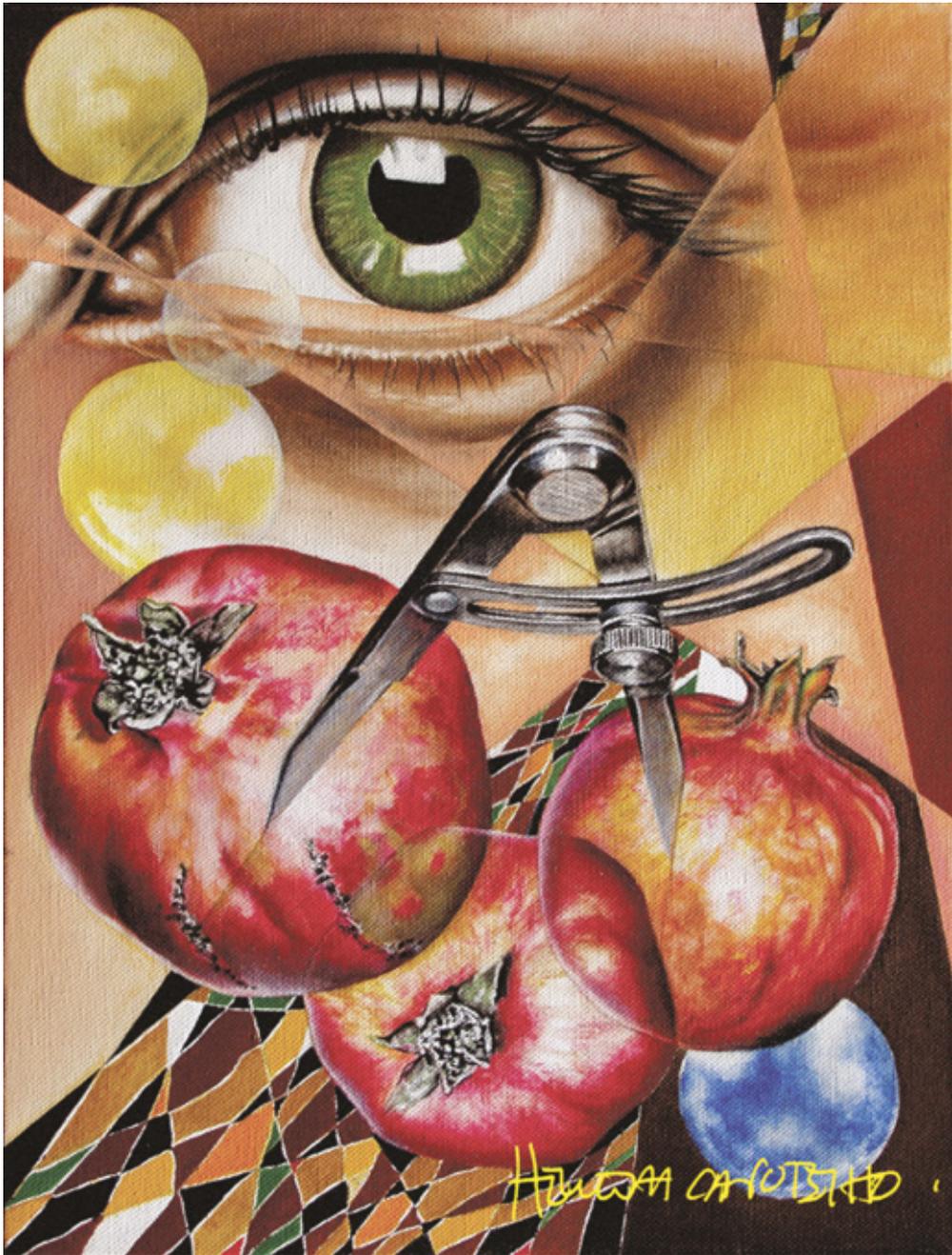
Paulo Coelho, *O Alquimista*, Editora Pergaminho.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alquimia>

http://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1lvia_de_esmeralda

OS ELEMENTOS





UNIDADE

O ERRO DE KEYNES SOBRE CIÊNCIA E ALQUIMIA EM NEWTON

POR EDUARDO DE SOUSA FERREIRA

J. M. Keynes é um patriarca do nosso Novíssimo Testamento que definiu Isaac Newton não como o primeiro e o maior cientista da Idade Moderna, mas como o último dos magos.

Newton é diferente da imagem convencional que dele se tem. É um génio muito peculiar, dos maiores que a Humanidade já conheceu. Por isso não é correcto vê-lo somente como o grande cientista da Idade Moderna, vê-lo somente como um racionalista que nos ensinou a pensar na linha da razão.

Descartes criou as ideias que enquadram as Ciências Naturais, mas a concepção que ele teve de uma regulação estrita e mecânica do Mundo permaneceram uma mera visão, até que Newton a completou. Não houve possibilidade de realização, digamos, daquilo que Descartes inventou até aparecer Newton. Foi Newton quem formulou em termos matemáticos a percepção mecanicista da natureza e com isso encontrou a síntese dos trabalhos de Copérnico e Kepler, de Bacon, Galileu

e Descartes. A física de Newton, coroa das realizações, forneceu a completa teoria matemática do mundo que constituiu uma sólida base do pensamento científico até aos nossos dias. A grande descoberta da revolução científica consistiu em não haver colisão entre racionalismo e empirismo, ligados por Newton na Filosofia Natural. Ele inventou um método completamente novo – o hoje chamado cálculo diferencial e integral – para descrever o movimento dos corpos sólidos e que Einstein classificou como “talvez o maior progresso do pensamento, que alguma vez um indivíduo só, teve o privilégio de efectuar”. Ultrapassando formas de ver tradicionais, Newton cria um novo conceito que provou ser de valor científico permanente - o novo conceito de força, retomando as noções de atracção e repulsão, princípios activos que se manifestam à distância e não pelo impacto, e que ele expõe nos *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, os *Principia*. A sua filosofia da natureza já não se mantém na lógica da mecânica tradicional/ortodoxa.

Combinando a leis do movimento de Kepler com as experiências de Galileu sobre a queda dos corpos, formulou Newton a Lei da Gravidade, exposta nos *Principia*, a que obedecem todos os objectos do sistema solar, das simples pedras aos planetas. Newton quer encontrar o correspondente microcósmico da gravidade que ele estabeleceu no macrocosmo ao explicar o movimento dos astros.

Na celebração do tricentenário de Newton no *Trinity College*, Cambridge, em 16 de Julho de 1946, foi lido por Geoffrey Keynes, seu sobrinho, um texto escrito por John Maynard Keynes, intitulado “Newton, the man”. Ali Keynes faz o louvor explícito a Newton e reconhece uma persistência mental talvez nunca igualada e cuja chave se encontrava nos seus poderes inusitados de concentrada introspecção contínua. O seu dom peculiar – diz Keynes – era o poder de manter no seu espírito, de forma contínua, um problema mental até o resolver, e o seu poder de intuição – o maior com que alguma vez alguém foi dotado. Provas? Usava-as para enfeitar. Não eram um instrumento de descoberta, diz Keynes.

E há um facto interessante: quando Newton diz a Halley que conhecia o movimento dos astros e Halley pergunta “Mas consegues provar isso?” e Newton respondeu-lhe “Já sei isso há muito tempo. Dá-me duas semanas e eu provo-o”. E provou-o. Mas ele sabia do movimento dos astros sem se preocupar com a prova, o que é de grande relevo para entender o mundo de Newton.

Keynes foi o primeiro grande académico que deu verdadeira atenção à alquimia em Newton. Contudo, nas suas considerações sobre Newton toma uma posição digna de análise. Comenta ele que até hoje (ao tempo de Keynes) Newton é considerado o primeiro e o maior cientista da Idade Moderna. “Eu – diz Keynes – não o vejo a esta luz. Newton não foi o primeiro da Idade da Razão. Ele foi o último dos magos. Com um trabalho para além do conhecido, completamente desprovido de valor científico”.

Esta manifestação está na exposição feita na *Royal Society* aquando do Tricentenário de Newton.

A que se refere Keynes?

Cambridge não aceitara os textos alquimistas de Newton. Todos nós sabemos (eu também sou atingido por isso, se calhar) que as Universidades são, em princípio, conservadoras. Não têm, salvo certos momentos, grandes *curricula* revolucionários.

Em Cambridge aceitaram o que era de Newton porque ele era realmente intransponível. Mas não aceitaram, na sua biblioteca, os seus textos de alquimia. Acharam que não eram científicos ou que estavam fora do que a Ciência ortodoxa gostava de ler ou dar a ler. E assim esses textos dispersaram-se.

Nos anos 30, o sobrinho de Keynes informa-o de que há um leilão da Sotheby dos manuscritos alquímicos de Newton. Keynes era um ho-

mem curioso e preocupava-se também com temáticas não ligadas à sua profissão. Assim, comprou alguns dos manuscritos de Newton (não todos), preocupando-se também em reunir depois o maior número possível. Juntou-os, leu-os, (era um homem seriamente curioso) e depois entregou-os à biblioteca de Cambridge que agora já aceitou visto tratar-se de Keynes quem os entregava... e também já não estávamos no tempo de Newton.

É a estes manuscritos que Keynes se refere quando diz que não tinham valor.

E é aqui que está o seu erro.

Primeiro cientista moderno ou último mago?

O tema central de toda a Filosofia Natural em Newton são as teorias de atracção e repulsão universais existentes entre todos os corpos no cosmos, ligando-os. Newton não só estava em dívida para com as noções herméticas no seu uso persistente destas forças, como na sua longa busca de uma explicação para estas forças (como, por exemplo, ao ponderar a natureza da matéria, os vários meios pelos quais a actividade se iniciou no mundo) chegando a um princípio criativo, activo por detrás de toda tal actividade que tinha muito em comum com o Archeus, ou princípio de actividade dos alquimistas. Se Newton não tivesse entrado no mundo da alquimia, nunca apresentaria as forças de atracção e repulsão como o ponto mais importante do seu sistema de Física. Este princípio activo, cuja explicação Newton, da escola de Maimonides, elaborou e discutiu

longamente na sua famosa Questão 31 (de *Opticks*) e no *General Scholium* (dos *Principia*), as mais extensas discussões públicas da sua maneira de ver o mundo, é a fonte de toda a energia no mundo. Newton deu às forças um estatuto ontológico equivalente ao da matéria e movimento. Fazendo por isso, e quantificando as forças, habilitou as filosofias mecânicas a elevar-se acima dos mecanismos de impacto.

O trabalho experimental de Newton foi para ele um passo essencial: “Não faço hipóteses” (*Hypotheses non fingo*). O que se deduz dos fenómenos é uma hipótese. E as hipóteses sejam metafísicas, físicas, sejam suposições sobre qualidades ocultas, sejam suposições de mecânica, não têm lugar na Filosofia Experimental. Esta posição foi o “casamento” da tradição alquimista com a Filosofia Mecânica e produziu a Ciência Moderna como um fruto resultante.

Em última análise, o mundo é para ser melhor entendido em termos daquela energia do que em termos de átomos materiais nos quais ele, aliás, baseava a sua análise.

Mas Newton iludia os seus leitores apresentando a sua filosofia em termos de princípios de matéria e movimento da Filosofia Mecânica, em que assentou os seus *Principia*.

Os seus trabalhos de Alquimia são tão exactos como os dos outros trabalhos científicos. Mas o método é diferente. Nomeadamente no que respeita à variável tempo, que tem outras características, dado assentar num prin-

cípio diferente do da Ciência ortodoxa. Ele segue os princípios de Heraclito, segundo os quais tudo é mudança (*Panta rei*). Não se toca duas vezes o mesmo ser. Assim, o tempo em Alquimia tem as mesmas características derivadas dos princípios de Heráclito de que tudo se transforma constantemente, tudo decorre e, portanto, nunca pomos a mão duas vezes na mesma coisa. Quando pomos a mão, já é outra coisa. Contudo, Newton apresenta esses trabalhos de forma a não encontrarem resistências por parte da ciência oficial, não as apresentando de forma provocadora, o que os alemães chamam “*salonfähig*”. É, como hoje em dia, quando se fala em anarquia. As pessoas têm medo. Se se falar no mesmo fenómeno sem se falar na palavra anarquia, as pessoas já aceitam. Os trabalhos alquímicos de Newton em parte são manifestados, mas, para não iniciados, a terminologia é de difícil compreensão.

É Newton quem faz em geral uma “autocensura” por outros dois motivos: o primeiro é o facto de não querer que trabalhos de alquimia caíam em “mãos doentes”, como ele diz, referindo-se a profanos que pudessem utilizá-los para fins impróprios.

O segundo motivo, de carácter mais geral, era relativo às implicações sociais dos aspectos herméticos da sua filosofia. A atmosfera na Inglaterra após a Restauração era uma ameaça para as leis de Newton, pelo que ele próprio optou por manter ocultas, ou envolvidas num certo hermetismo, muitas das suas ideias.

Há, assim, várias razões para explicar o erro de Keynes ao avaliar a parte da obra de Newton que classificou de “sem valor”. Primeiro que tudo Keynes não era um “iniciado” em Alquimia, é um curioso, se bem que não se possa, no caso de Keynes, falar de “mãos doentes” que Newton temia.

Depois, o facto de Newton não ter dado a público trabalhos seus de Alquimia reduz as fontes à documentação usada por ele próprio nas suas experiências e, portanto, de muito mais difícil leitura, para além da terminologia e simbologia inacessíveis a profanos.

Nem todos os textos de alquimia são assim. Quando eu vivia em Heidelberg, vivia ao lado de um Mosteiro que faz alquimia espagírica, (remédios para tratar da saúde das pessoas), e esse Mosteiro tinha publicações de alquimia legíveis. Contudo, não é normal entenderem-se tais textos.

Portanto, Keynes tinha dificuldade em ler aqueles textos de Newton.

Mas a razão principal do erro é a mentalidade de Keynes. Ele não conseguiu encontrar o racional em Newton, dado as teorias alquimistas estarem longe do óbvio para cientistas modernos. Ele desvaloriza aquele conhecimento que foi directamente a base do surgir daquilo a que hoje chamamos Ciência. Tivesse Keynes razão, então teríamos que admitir que aquilo a que hoje chamamos Ciência também no fundo virá a ser considerado sem valor, dado que a Ciência hodierna, naturalmente, não é

o fim da História, e irá ultrapassar no futuro conhecimentos de hoje.

Não estou com isto a defender de forma alguma que Keynes não seja um espírito superior, que nada tem a ver com os truncados modelos keynesianos que epígonos construíram posteriormente. Mas Keynes desvaloriza, assim, *ex-ante*, a nossa (da época dele) Ciência. A arrogância de Keynes ou a arrogância da Ciência de hoje teria a aprender de Newton quando este afirma que revolucionou a Ciência “aos ombros de gigantes do passado” da Ciência, da *Prisca Sapientia*. Não se pode, contudo, deixar de encontrar uma contradição no próprio Keynes, quando diz que “os economistas deitaram fora ideias antigas sem ter consciência das consequências”.

Quem leu a primeira encíclica de Bento XVI, de Dezembro de 2005, há-de notar que na segunda parte ele não tem pejo algum em defender os princípios por que se deve reger hoje a Igreja Católica, baseado quase exclusivamente nas grandes colunas do princípio da Cristandade. Ele vai até ao Diácono Lourenço, ele vai até Tertuliano, que são as grandes colunas onde se vai apoiar para justificar como é que ele acha que hoje a Igreja deve agir.

É por isso que espanta que Keynes não tenha percebido estas coisas.

A ciência em si tem o valor de verdade quando não auto-limitar os seus horizontes no quadro de cada Cultura. Ela (a Ciência) significa coisas diferentes em diferentes culturas.

Eu tive uma experiência interessante. Trabalhei durante alguns anos numa universidade russa, em Saratov, no quadro de um projecto da EU para fazer reforma do ensino da economia: passar da economia planificada para a economia de mercado. Foi extremamente agradável e congruente. Houve alguns problemas, nomeadamente de transição, mas houve uma fácil compreensão. Por um acaso, durante uma aula que eu dei em Saratov, apareceu uma professora de Irkutsk, na Sibéria Oriental, e que me pediu para ir lá, a ver se fazíamos um projeto de investigação que tinha a ver com as migrações, uma área minha. E eu fui a Irkutsk, a ver se fazíamos um projeto.

Bastou-me uma semana.

Eu percebi que não dava.

Uma boa parte dos professores de Irkutsk são Buriates, de cultura mongol, e, portanto, havia ali toda uma maneira de encarar os problemas, ao contrário de Saratov onde havia uma maneira de pensar em grande parte não estranha ao Ocidente.

Sendo assim, desisti, porque percebi que eu não entendia aquela maneira de encarar a Ciência e vim-me embora. Agradei, mas tive de dizer que não, porque não conseguia fazer um projecto com aquela mentalidade. A Ciência tem a ver com a Cultura, onde ela está inserida. E é preciso entender estas coisas, que não só as culturas decidem sobre a ciência que se tem e que se acha correcta, como entender que com o tempo também se vão mudando.

Principalmente quando há situações críticas, como foi o caso do tempo de Newton e está a ser o nosso tempo agora: a transição de sistemas.

Quando os sistemas se esgotam (e é escusado dizer que não se esgotam pois ao longo da História todos se esgotaram) os fundamentos desses sistemas vão sendo abalados. O quadro geral começa a não corresponder à realidade passado um certo tempo.

O nosso sistema actual tem uma cobertura fundamental de carácter geral que tem a ver com a Sociedade e não só com a Economia, que são as encíclicas *Rerum Novarum* de Leão XIII e *Quadragesimo Anno* de Pio XI; estão hoje completamente subvertidas. A noção de Família era uma das grandes colunas e hoje em dia todos entendem que não há famílias do modelo da *Rerum Novarum*. Por várias razões que não se podem abordar aqui.

A própria Religião Católica, que tinha sido posta em causa com a Reforma de Lutero e pouco mais, está hoje perante desafios essenciais quando surgem religiões que dispersam completamente o mundo em termos de Religião e em termos de Estado.

Aquilo que está na *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno* não é o Estado de hoje, que se está a dissolver em incapacidades, como estamos a perceber todos, de resolver o problema social.

Isto é o quadro mais geral do nosso Sistema. Estamos aqui numa Escola de Economia, eu posso referir Bretton Woods. Bretton Woods criou a base do Sistema Económico Internacional: o Fundo Monetário Internacional (FMI), o GATT o Banco Mundial. Nenhuma destas bases está hoje a cumprir, de forma alguma, as funções que Bretton Woods lhes atribuiu.

O sistema económico internacional, a Ordem Económica Internacional está decadente e isto tem consequências de vária ordem não só por causa da confrontação com os EUA como poder económico hegemónico.

Esta fase traz consigo a dificuldade de entender que o sistema está esgotado e que estamos numa situação de transição. Quem entende que se está numa situação de transição não tem grandes problemas. A questão é que, em princípio, as pessoas não entendem que é preciso aceitar que estamos em transição, e na transição não há estabilidade. Na transição não há segurança. Esgotou-se aquilo que tínhamos como muletas para andar e não temos ainda novas. Isto provoca o desassossego na Sociedade. O caso típico da insegurança, todos vemos, é o problema do desemprego. O sistema não aguenta mais aquela noção de desemprego que existia e toda a gente está irritada por causa disso. E qual é o problema? É que temos uma tecnologia que vem pôr em causa cada vez mais um sistema antigo, porque ela produz em si a riqueza. O sistema produtivo tem de ser alterado, porque a riqueza é feita em boa parte por tecnologia e não por

mãos. A tecnologia substitui o Homem. É a razão do desemprego. Essa tecnologia produz a riqueza sem esforço humano. A Bíblia de São Jerónimo como a de Lutero na passagem “ganharás o pão com o suor do teu rosto” têm de ser revistas, sendo a interpretação de Jerónimo e Lutero uma mera interpretação própria da tradição bíblica. Um fala em *sudor*, outro, em *Schweiss*.

O suor não tem de ser consequência essencial do trabalho. De acordo com o Genesis, o Homem foi colocado no Paraíso para o cultivar, portanto para o trabalhar, numa actividade que, segundo Tomás de Aquino na Suma Teológica “*fuisset iucunda, propter experientiam virtutis naturae*”, o que significa que a actividade o deleitasse com a experiência do poder da natureza.

Hanna Arendt faz uma interpretação desta problemática em *The Human Condition* no mesmo sentido de Tomás de Aquino.

Não há suor, em grande parte. O suor está a ser poupado pelas máquinas.

Isto significa o quê?

Que não há emprego, e é pelo menos curioso que os políticos insistam em proclamar nos *mass media* e nas assembleias que os problemas do desemprego se vão resolver com políticas de emprego, se estruturalmente a noção de emprego entendida tal como se tem entendido até agora deixa de ser utilizável, no-

meadamente como consequência da evolução tecnológica.

O problema está no desemprego. Qual é o problema do desemprego?

É que se perdeu o código de distribuição da riqueza. Eu trabalhava duas horas recebia 10 euros, quatro horas recebia 20 euros. Se não tenho as horas, como é que sei o que a Sociedade me dá da riqueza que as máquinas fazem por si?

E esse é que é o problema: perdeu-se o código.

Como é que se vai arranjar um novo código e como é que se vai corresponder ao nível a que a Sociedade desta tecnologia chegou, que é um nível muito elevado?

Já não há problemas de estômago e aquecimento. (Eu estou a falar das nossas sociedades europeias e da América, não estou a falar do mundo todo, apenas das sociedades com que nós contactamos mais).

A média tem o estômago cheio e tem a casa quente. Não se morre de frio nem de fome. E, portanto começa-se a exigir mais. Hoje em dia, a exigência é outra. E qual é essa outra? A preocupação com o material está a ser substituída pelo mental e espiritual.

O Homem quer ter mais consciência do que é que se passa com ele próprio. É o problema

mental, a beleza... são níveis completamente diferentes quando já se tem o estômago cheio e a casa quente.

Essa é que é a nova confusão e para isso têm de haver outros empregos. Têm-se de trabalhar numa oferta de trabalho que corresponda à procura. E com o sempre, se a oferta não corresponde à procura, não vamos lá.

É, portanto, um outro tipo de trabalho.

Aí é que se encontra o novo código de distribuição da riqueza.

Que produção? A um nível mais alto e onde as máquinas não podem substituir o ser humano.

Há uma primeira forma de encontrar o novo código de distribuição que é: quem poupa despesas deve ser remunerado (tratar da saúde, passear, ir à piscina). Nós sabemos que os orçamentos da Saúde de vários países são dos mais pesados do orçamento geral. Há aqui um peso enorme na Saúde. Eu, se for a uma piscina, em vez de pagar a entrada, à saída devo receber dinheiro, porque eu poupei despesas por ter tratado da minha saúde. Isto parece estranho mas não é assim tanto como isso. É o novo código.

Segunda forma: reclassificar profissões já existentes – um caso típico para mim é o jardim de infância: a formação de crianças é decisiva sobre o Homem de amanhã. Todos sabemos que foi sempre assim. Mas os jardins de infância continuam a ser administrados por

pessoal mal remunerado, ao qual não são dadas condições de formação para ser formador do Homem de amanhã. Esses é que deviam ser remunerados ao nível mais alto. E não ao contrário.

Portanto, renivelando a remuneração de algumas profissões que passam a ser importantes ou reconhecidas (porque importantes sempre foram) era uma maneira de arranjar um código de distribuição.

Uma terceira forma: novas formas emergentes de trabalho que seriam aquelas que correspondem a um nível mais elevado de procura. Por exemplo, quem trabalha de forma directa ou indirecta a resolver tensões sociais (reparem que a função do Estado não é tratar da felicidade das pessoas, mas sim criar condições para que haja felicidade): são os artistas, contadores de histórias, encenadores, etc. Eles deviam ter uma remuneração completamente diferente da que têm hoje em dia.

Estas seriam três maneiras de recuperar um código da distribuição da riqueza. Ter consciência disto acabava com a desorientação que é fonte do desassossego. O problema do desemprego traz desassossego pela insegurança das pessoas. Às vezes nem é o dinheiro que têm ou que não têm, é a insegurança de não saberem o que vai acontecer.

Há aqui uma relação entre ciência moderna e capitalismo, mas estes dois elementos são só uma parte de todo o sistema. E para tecer um sistema novo, não se pode remendar um

tecido velho, é preciso tecer outro. É nessa fase que nós estamos: a transição ao longo da qual se tece outro tecido que não se sabe bem ainda qual é.

O que nós devíamos ter aprendido na História é que há maneiras de ver que não se compadecem com visões como a de Keynes. Eu não estou a criticar o valor do patriarca Keynes. Mas uma posição como a sua tem sido origem do muito desassossego, que é não perceber o valor das coisas, a transição das coisas, a volatilidade das coisas e de que

há outras que vêm depois. Não se pode pôr a Alquimia de lado só porque agora há uma Ciência de que a Alquimia foi preparatória.

Galileu e Fausto num só.

NOTA

Este texto é uma actualização feita na base da Aula Jubilar do autor, no Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, publicada em Amadeu Paiva (ed.), *Sob o Signo de Hórus*, Edições Colibri, Lisboa, 2007.



GEOMETRIA



VISÃO PERFEITA

ENCONTRO MAGICK DE FERNANDO PESSOA - ALEISTER CROWLEY

POR MIGUEL ROZA

Como escritor e compilador de um livro cujo o título é o acima citado e com a responsabilidade acrescida de ser o sobrinho do dito poeta, filósofo e pesquisador do Conhecimento, Fernando Pessoa, escrevo baseado no estudo a que dediquei ao escrever o livro “Encontro Magick Fernando Pessoa – Aleister Crowley”.

Começarei por tentar apresentar estas duas extraordinárias personagens, o seu extraordinário encontro e as possíveis causas esotéricas, ou talvez não, que as motivaram!

Quem não conhece Fernando Pessoa quer em Portugal quer no mundo literário europeu e universal? A sua obra escrita, literária, poética, os seus pensamentos filosóficos e esotéricos tão dispares, por um lado, tão coesos por outro, revela uma extraordinária personalidade multifacetada, bem demonstrada pela sua he-

teronimia, fazendo que a pesquisa de novos meandros da sua mentalidade seja janela para a sua universalidade.

Também, na mesma época e quase que em paralelo, existiu uma personalidade de características, poderemos dizer, diametralmente opostas na maneira de viver, actuar e criar, mas que, por paradoxo, tinha um fulgor genial, embora de sinal contrário ao do poeta português.

Aleister Crowley, conhecido no mundo anglo-saxónico europeu e mesmo mundial, por ser «O Pior Homem da Inglaterra», como veio descrito em vários jornais da época, é ele também Mestre Supremo da Obediência Secreta «Golden Dawn» (Aurora Dourada) com conotações para-maçónicas, possível agente duplo da passada Guerra Mundial,

Monge Tibetano e, ao mesmo tempo, alpinista (subiu aos Himalaias), conhecedor das religiões pré-colombianas do México, aventureiro, escritor, poeta e pintor, fundador de comunidades pseudo-religiosas, onde imperava o Amor Livre, e assinando sem pejo, mas com possível orgulho, todas as suas cartas e a sua Obra como: «A BESTA 666».

São, pois, estas duas personalidades, tão opostas, mas tão geniais a seu modo – o Mago inglês com 54 anos, e o Poeta português com 42 anos – que se irão encontrar, sabe-se lá por que desígnios astrológicos, como dois cometas no Universo Astral, na prosaica e pacata cidade de Lisboa, no ano da graça de 1930, no Equinócio de Setembro.

Embora o encontro tivesse sido perfeitamente amigável e estabilizado (pois dois entes de sinais contrários, mas de valor genial semelhante, equilibram-se ideologicamente), não deixou de provocar um acontecimento extraordinário: o suicídio rocambolesco de Aleister Crowley com o seu ressurgimento «esotérico» dias depois em Berlim!

Da correspondência entre estas duas personalidades, antes e depois do sucedido, do seu encontro e do escândalo jornalístico nacional e internacional que surgiu, a família do poeta Fernando Pessoa guardou sempre cuidadosamente todos os elementos. As cartas de Aleister Crowley e as cópias dactilografadas (copiadas em papel químico que era o que se usava na época) da correspondência de Fer-

nando Pessoa não foram publicadas há mais tempo, porque a irmã do poeta (minha Mãe) se opôs a tal durante a sua vida. Passados bastantes anos sobre a sua morte, tanto a minha irmã, como eu, únicos herdeiros de Fernando Pessoa, achámos que a publicação destas cartas, bem como a correspondência com outras personagens que entraram secundariamente nesta farsa e os jornais da época, nacionais e estrangeiros, seriam importantes para mostrar mais uma faceta da extraordinária personalidade que foi o nosso tio.

Tentarei dar-vos uma pequena resenha biográfica, muito provavelmente já conhecida de muito de vós, de Fernando Pessoa, mas que serve para esclarecer sobre a sua evolução durante os anos em que viveu e os possíveis paralelismos com a personalidade de Aleister Crowley. Tentarei ainda explicar quais os possíveis motivos porque Pessoa teria «atraído» o Mago a Lisboa, embora mais tarde, penso, se tenha arrependido!

A provável admiração mútua, amalgamada pelo alto sentido de humor que ambos possuíam e a criatividade inata em qualquer deles, ocasionou todo este Encontro **MAGICK!**

O Mago inglês não descansou enquanto não veio a Lisboa encontrar-se com Fernando Pessoa. Veio acompanhado com a sua Dama Escarlata, Hanni Jaeger, bela e sensual, que teria impressionado o poeta português de tal modo, que ele mais tarde, escreveu este poema semi-erótico:

DÁ A SURPRESA DE SER

Dá a surpresa de ser.
É alta, de um louro escuro.
Faz bem só pensar em ver
Seu corpo meio maduro

Seus seios altos parecem
(se ela estivesse deitada)
Dois montinhos que amanhecem
Sem ter que haver madrugada.

E a mão do seu braço branco
Assente em palmo espalhado
Sobre a saliência do flanco
Do seu relevo tapado.

Apetece como um barco.
Tem qualquer coisa de Gomo.
Meu Deus, quando é que eu embarco?
Ó fome, quando é que eu como?

Aleister Crowley e Anu (algunha dada por ele à sua Dama Escarlata) permaneceram em Lisboa alguns dias, ficando a viver no Hotel Europa e encontraram-se com Fernando Pessoa provavelmente no «Café A Brasileira» ou também noutros cafés de Lisboa frequentados pelo poeta.

De seguida, foram banhar-se para a praia do Tamariz no Estoril. Pernoitaram ainda nos Hotéis Miramar no Monte Estoril e Paris no Alto Estoril. Visitaram Sintra e provavelmente a Quinta da Regaleira, decorada e construída com sim-

bologia de Ordens Secretas Templárias e Maçónicas, tão ao gosto de Aleister Crowley. No entanto, não há confirmação desta visita.

Por fim, houve uma sessão nocturna, algo «escabrosa», sexual entre o casal, quando estavam a alugar um quarto no dito Hotel Paris, de tal modo que foram expulsos pelo gerente! A Dama Escarlata, teve um ataque de nervos e resolveu desaparecer do firmamento do Mago Negro e regressou a Berlim, cidade onde nascera!

Então o impossível aconteceu! Surgiu um complot elaborado e combinado «humoristicamente» pelos dois Magos: o Negro, Aleister Crowley, e o Branco, Fernando Pessoa, em colaboração com um jornalista grande amigo do poeta, Augusto Ferreira Gomes.

Ou seja, Aleister Crowley, com o desgosto, resolveu «ficcional» um suicídio rocambolesco, atirando-se da falésia para a Boca do Inferno, na encosta atlântica, junto a Cascais. Para tal deixou um bilhete de despedida sobre uma pedra junto a uma fenda profunda onde o mar rugue e penetra na terra, próxima da dita Boca do Inferno e chamada Fenda dos Mata Cães.

A notícia deste «Suicídio» foi publicada em grandes parangonas em Notícias Ilustrado, revista portuguesa semanal e, dias mais tarde, em «Detective», revista ilustrada parisiense.

Este acontecimento da morte do célebre Aleister Crowley repercutiu-se quase mundialmente, especialmente em países de língua inglesa. Fernando Pessoa quis aproveitar este episódio para escrever um livro policial cujo detective (que seria ele próprio, mas no papel de mais outro semi-heterónimo) teria nacionalidade inglesa e deslindaria todo este caso. O livro, escrito em inglês teria o título: *The Mouth off Hell* (*A Boca do Inferno*). Ainda escreveu alguns capítulos mas, como tantos outros dos seus projectos literários, desistiu, até porque, entretanto, Aleister Crowley tinha aparecido em Berlim e deixara de haver mistério sobre a sua morte fictícia.

Para terminar, falo-vos da imagem da capa do meu referido livro.



Esta tem uma simbologia que define esotericamente as duas personagens deste «Encontro».

A palavra «Magick» do título, tem exactamente a ortografia e o desenho das letras da obra escrita por Crowley, um tratado de magia oferecido por ele a Pessoa.

A capa está dividida em duas partes iguais, tal como numa carta de jogar de rei ou valete.

A parte de cima tem o fundo branco, aparecendo a imagem de Fernando Pessoa (virada para cima). Ele é o Mago Branco, tendo por de traz a cruz Templária ou de Cristo, o Esplendor Solar e o Delta Luminoso (que representa Deus).

A parte de baixo é negra, com a mesma área da de cima, branca, (reminiscência da lei de «Hermes Trimegisto»: Tudo o que está por cima é igual ao que está por debaixo). Nesta, está a imagem invertida de Aleister Crowley (se virarmos o livro ao contrário ver-se-á melhor o dito Mago Negro). Por debaixo desta imagem está inscrito o nº 666 (número de Satã ou Lucifer) com que o Mago Negro assinava em todas as suas missivas. No entanto, se invertermos o livro, o número 666 passará a 999, que é o número que representa Deus!

Para finalizar, sempre vos direi que conheci o meu tio desde o meu nascimento, na própria casa chamada actualmente de «Casa Fernando Pessoa». Era, e foi sempre, o meu tio. Fora os meus pais e irmã, era a única pessoa que vivia connosco! Era o tio e pronto! Bastantes anos mais tarde, sabendo evidentemente que este tio se tornara no poeta, filósofo e «génio» admirado por todo o mundo, só na realidade o reencontrei a um nível para mim “magick” na elaboração e pesquisa do dito livro. Transformei-me, «magickamente» e com ele, pela mão, fui tentando e tateando «seguindo serpenteando o caminho que passa por todos e não é nenhum», que é o que ele fez durante toda a sua vida.



ESTRELA



TOLERÂNCIA

AIRES PINTO MARCELINO

BREVE REFERÊNCIA

POR A. PAIVA

Aires Pinto Marcelino foi o último Venerável Mestre da Loja 31 de Janeiro, nº 379, do Grande Oriente Lusitano Unido, em Castro Daire, que manteve actividade até ao tempo da ilegalização das “sociedades secretas”, pelo Estado Novo.

Nascido no concelho de Castro Daire, foi uma personalidade notável na sua região, um trabalhador incansável e de multiplas actividades. Um Homem de pontes e de charneira.

Foi agricultor, apicultor (um dos primeiros a introduzir a colmeia na região), marceneiro, comerciante, desenhador técnico, avaliador de terrenos. Mas também foi um activo político e cívico, um dos primeiros e entusiásticos apoiantes da República, membro de órgãos autárquicos e locais, como, por exemplo, da Mesa da Santa Casa da Misericórdia.

Foi ainda publicista, director de jornal e divulgador da sua terra.

É nesta sua última faceta que se enquadra o texto reproduzido nas páginas seguintes, publicado na Revista Catequística. Tendo como director Monsenhor António J. Moita, editor o padre Germano J. Lopes, sob a orientação pedagógica do padre José Cardoso de Almeida e orientação literária do padre António

Ribeiro, esta revista “aprovada e recomendada pelo Episcopado Português”, dedicou um número ao concelho de Castro Daire (cuja capa é abaixo apresentada), por ocasião de uma Concentração Catequística, realizada nesta Vila, uma “... multidão imensa — 10.000 pessoas talvez? — vibrante de entusiasmo, a rezar e a cantar...”¹



1. Referências mais desenvolvidas a Aires Pinto Marcelino e ao seu contexto, podem ser encontradas em A. H. de Oliveira Marques (*Dicionário da Maçonaria Portuguesa* e em *A Maçonaria Portuguesa e o Estado Novo*), e em Abílio Pereira de Carvalho, *Implantação da República em Castro Daire - I* (2011) e *Castro Daire – Indústria, Técnica e Cultura* (1995), ambos editados pela Câmara Municipal de Castro Daire, *Misericórdia de Castro Daire* (1990), edição da Santa Casa da Misericórdia e em www.trilhos-serranos.com.

A Igreja Paroqui

AO poente da parte sul da Vila, ergue-se — sumptuosa templo — obra do princípio do século XVIII — no qual se admira a grandeza e majestade do monumento a par da beleza architectónica e distinção da arte.

Pinho Leal, no seu «Portugal Antigo e Moderno»; v. 2.º, página 203, diz que «este templo é dos melhores do bispado de Lamego e que em Portugal há Sés menos vastas».

Também no «Domingo Ilustrado» a pág. 250, vol. 2.º, escreveu o autor do artigo — Castro Daire — que a majestosa igreja paroquial da vila está muito e muito superior às Sés de algumas dioceses. É uma das mais imponentes que possuímos»

Não teve logo de princípio o risco e a grandeza que hoje, — pois tem passado por diferentes reedificações.

Sabe-se, por documentos em nosso poder que, anterior a 1.300, Castro Daire não era freguesia, nem havia igreja e que no local onde está actualmente existia uma capela particular pertencente à casa dos Senhores Aguilares que a cederam para



CASTRO DAIRE — Igreja

a construção da primitiva igreja, com a condição de nela ficar o altar da dita capela.

Supõe-se que a antiga igreja fosse de dimensões muito reduzidas e insuficiente para a freguesia e, por isso, pelos anos de 1685 a 1735 foi am-

ial de Castro Daire

por AIRES PINTO MARCELINO



Matriz (Altar-Mór e Laterais)

pliada pelo Abade dela João de Moura Andrade que, segundo se vê por uma inscrição sobre uma das portas laterais, nela gastou 50 mil cruzados!

A Capela-mor é da primitiva, sòmente acrescentada em comprimento, como se vê claramente do forro da mesma,

uma porta de cada lado, e os dois últimos quadros. Em 1823 foi novamente acrescentado o corpo da igreja e principiado o frontespício, obras que duraram até 1857.

Já existia a Irmandade das Almas que foi erecta em 1658 e contribuiu com bons capitais para esta e outras obras que se lhe seguiram.

Diz uma relação existente no Arquivo da mesma Irmandade, que em 1793 foram construidas as cadeiras da Capela-Mor, dando a fábrica 100.000 reis e a Irmandade 200.000 reis.

Em 1797 foram construidas as grades da Capela-Mor, gastando-se nelas 15.000 reis.

A esbelta e elegante Torre da igreja foi principiada em 1607 e terminada em 1823, custando à Irmandade 2.093\$330 reis. Também no mesmo ano foi principiada a outra e bem assim o frontespício e acrescentamento do corpo da igreja, obras que duraram até 1857, em que a Irmandade gastou 8.518\$760 reis.

* * *

Tudo é grandioso e belo no interior da igreja.

A sua abóbada, elevando-se a grande altura, dá-lhe um tom de majestade que nos deixa extáticos e submissos.

A sua ampliação, 40 metros de comprimento e 15 de largo, contrasta-lhe uma imponência superior deixando-nos surpreendidos.

A Capela-mor, apesar da sua pequenês relativa, patenteia nos riqueza e arte nos seus ornamentos.

Analisando atentamente o corpo da igreja e a Capela-mor, nota-se logo nitidamente que não está em relação uma parte com a outra.

A Capela-mor, que deve ser a da primitiva igreja, não obedeceu ao projecto de grandeza do templo. Todavia, pela arte e bom gosto que encerra esta primitiva igreja devia ser já uma coisa de muito valor.

Possui a igreja oito belos altares, com ricas imagens e muito boa talha, predominando o estilo renascença e D. João V.

O altar-mor, renascença italiana, de boa talha, muito correcta e perfeita, demonstra ser antigo do século XIII e deve ter pertencido à primitiva igreja. Sofreu grande reconstrução no século XVIII, que muito o prejudicou, pois lhe não respeitaram o estilo. Pertencem a esta reconstrução, em estilo D. João V, o trono, o sacrário e a moldura da frente do camarim do trono.

O forro da Capela-mor, no mesmo estilo do altar e da mesma época, todo apainelado, sofreu também um acrescento, pois duas carreiras de quadros são mais modernos e muito mais simples.

Os dois altares cruzeiros, perfeitamente iguais, de muito bom gosto e esmerado acabamento, estilo renascença do século XVIII, com a invocação, o do lado da epístola, de Nossa Senhora do

Aires Pinto Marcelino foi um estudioso e infalível investigador, que viveu em Freguesia de Castro Daire. O mais insignificante passatempo era para ele motivo de estudo e sempre se fazia acompanhar de um livro de apontamentos, um lapis e uma máquina fotográfica. Tudo observava atentamente e andava com meticoloso cuidado.

Tendo apenas o exame de admissão aos liceus adquirido uma boa preparação cultural ao contacto de bons livros que formam hoje uma valiosa biblioteca.

Deixou um grosso volume de apontamentos manuscritos sobre Castro Daire e toda a região montemurana, que, por si, constituiriam já, depois de criteriosa revisão, uma monografia de valor.

Deles recortamos, resumindo-a, a descrição da Igreja Matriz de Castro Daire.

A. R.

Rosário e o do lado do Evangelho, do Sagrado Coração de Jesus (antigamente do Menino), no qual está erecta a Associação do Apostolado da Oração, desde 1894.

O primeiro altar lateral da esquerda é o altar das Almas. Obra prima de talha é o que temos visto de melhor no género. Desde o supedâneo à sanefa que lhe serve de remate, semeado de acantos estilizados e cariátides, é uma verdadeira obra de arte.

O altar que lhe fica de frente, o dos Passos, é também uma boa obra de talha, estilo renascença, com muita e boa escultura, belo gosto e bom acabamento.

A' rectaguarda do corpo da igreja fica o coro alto, com um cadeirado em volta, de boa talha e muito antigo. Dá ideia de ter sido da primitiva igreja.

Tem esta igreja muitos e bons paramentos e ricas alfaias.

Dois ternos, branco e roxo, de damasco, tecido a ouro, tem muito valor e merecimento. Dois pálios de seis varas que fazem parte dos ternos correspondentes, são dois

objectos de valor e muito apreciados.

São dignos de menção: A Cruz processional de prata fundida e cinzelada, obra muito boa e artística que tem aproximadamente 15 quilos de peso. Um cibório grande, também de prata cinzelada, objecto de muito valor. Um santo lenho de prata dourada e cinzelada com pedrarias, pertencente à Irmandade dos Passos. Muito bons turbulos e navetas, alguns cálices também de prata lavrada e dourada, muito bons e de valor.

Uma alquedra de tartaruga com incrustações de prata cinzelada, para o encerramento do Senhor em 5ª feira Santa.

Passui também a Igreja um Menino Jesus de marfim, muito boa escultura, de muito valor e artístico, que é dado a beijar nas festas do Natal.

Teve esta igreja uma colegiada, cujas obrigações eram assistir aos officios divinos de manhã e de tarde, dizerem certo número de missas pelos irmãos falecidos da Irmandade das Almas e acompanharem estes irmãos desde Cima de Vila até à Igreja.



DA RESPONSABILIDADE HUMANA PERANTE AS GERAÇÕES VINDOURAS

POR ACÁCIO BÁRBARA

O conceito de responsabilidade pressupõe a capacidade do sujeito responder pela sua ação tanto perante si como perante os outros, quer entendamos o outro como o nosso congêner humano, na perspectiva de uma ética antropocêntrica, quer o entendamos para além do próprio ser humano, como seja a própria vida no seu todo, na perspectiva de outras éticas não antropocêntricas.

No pressuposto de uma ação livre, ela tem de ser necessariamente responsável, sob risco não apenas de negarmos a nossa condição de humanidade, mas também a condição de sustentabilidade da própria natureza no seu todo e, por via disso, também do próprio humano. Não esqueçamos que o homem é em si mesmo natureza também e, por isso, qualquer agressão à natureza será uma agressão ao próprio humano¹.

1. Evoco aqui o magnífico texto, sob a forma de carta do chefe Seattle (índio da tribo Duwamish, que habitava na região onde hoje se encontra o Estado americano de Washington) ao presidente dos EUA (Franklin Pierce), em 1854, quando este lhe propôs comprar as suas terras a troco de uma reserva para o seu povo. Este texto foi traduzido para português com o título de “Poema Ecológico”, por Júlio Roberto (Lisboa, Edições ITAU, s/d): “O homem branco deverá tratar os animais desta terra como seus irmãos (...). Que seria do homem sem os animais? Se todos fossem exterminados, o homem também morreria de uma grande solidão espiritual. Porque o que suceder aos animais também sucederá ao homem. Tudo está ligado. Deviam ensinar aos vossos filhos

Portanto, a responsabilidade passa pela exigência do sujeito assumir plenamente todas as consequências da sua ação, enquanto ação livre, intencional e racional.

1. DA DIGNIDADE HUMANA

Numa das suas obras de referência sobre a moralidade, Kant afirma, na segunda das três formulações do imperativo categórico ou imperativo da moralidade, o seguinte: “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como um fim e nunca simplesmente como meio”².

A consideração da pessoa, quer eu próprio, quer a pessoa do meu semelhante, sempre e simultaneamente como um fim e nunca

que o solo que pisam são as cinzas dos nossos avós. Inculquem nos vossos filhos que a terra está enriquecida com as vidas dos nossos semelhantes, para que saibam respeitá-la. Ensinem aos vossos filhos aquilo que nós temos ensinado aos nossos, que a terra é nossa mãe. Tudo quanto acontecer à terra acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, cospem em si próprios. Isto sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem pertence à terra (...). Tudo está ligado, como o sangue que une uma família (...). O homem não teceu a rede da vida, ele é só um dos seus fios. Aquilo que ele fizer à rede da vida ele o faz a si próprio”

2. KANT, *Fundamentação Metafísica dos Costumes*, Trad. de Paulo Quintela, Coimbra, Atlântida, 1960, p. 68

como um meio impõe-se a cada um de nós, na perspectiva kantiana, como uma exigência moral altruísta e nunca egoísta, que faz desta ética uma ética deontológica (do dever), ao contrário de outras éticas de tipo teleológico (de ‘telos’ = fim), como as éticas utilitaristas ou consequencialistas, centradas no interesse, nas consequências ou nas finalidades da ação, tão em voga nos nossos dias.

Se ‘telos’ há na moral kantiana é o de uma humanidade a realizar por cada um de nós, como consequência de uma ação praticada por puro dever ou obrigação à lei moral. Para tal fim, a realização da humanidade toda na ação de cada um, não me é legítima a instrumentalização do outro, pois se tal fizer, eu estarei a tomá-lo como coisa e não como pessoa, para um fim interesseiro e egoísta. Enquanto tal, negaria a própria essencialidade da realização da humanidade na minha pessoa e na pessoa do meu semelhante. De resto, que sociedade estaria eu a construir se me fosse permitido instrumentalizar os outros à minha volta? Ser-me-ia legítimo fazê-lo? Que sentido de justiça poderia edificar-se na base do interesse egoísta? Que humanidade estaria eu a criar com a minha ação?

Basta atentarmos no mundo de hoje, seja no plano das relações interpessoais numa sociedade altamente competitiva, onde pontificam todo o tipo de egoísmos, carreirismos, hedonismos e outros ‘ismos’ que tais, seja no plano das relações entre povos, culturas e nações, para verificarmos quão distantes estamos de um caminho edificador da humanidade como

um fim em si mesmo, de que falava Kant. Ao contrário, num mundo em que a pessoa é despidida da sua pessoalidade moral e reduzida a um simples dado estatístico; em que a coisificação da pessoa humana a torna num mero instrumento num qualquer sistema de produção ou, pior ainda, num produto descartável como lixo, quando já não se enquadra como um valor transacionável num sistema de mercado – então a via já não é a da dignificação da condição humana, mas, ao contrário, um caminho de regressão à animalidade, a partir da qual se libertará a besta que há em nós e, então, longe da via da dignificação da condição humana, afundar-nos-emos no atoleiro da ‘barbárie’.

Ainda segundo o nosso autor, tudo na vida tem um preço e, por isso, pode ser trocado por qualquer outra coisa equivalente. Tudo, exceto uma só coisa: a dignidade. A dignidade está acima de qualquer preço, pois tem um valor intrínseco. A dignidade da pessoa eleva-a, por isso, à sua consideração como um fim em si mesmo. E a pessoa como um fim em si mesmo só é realizável pela moralidade. Por isso diz: “a moralidade, e a humanidade enquanto capaz de moralidade, são as únicas coisas que têm dignidade”³.

Assim sendo, só pela ação moral livre e responsável, pensada numa dimensão altruísta e solidária, poderemos dignificar a pessoa e a condição humana. Infelizmente, quão distante está o mundo atual deste desiderato, atola-

3. KANT, Op. Cit., p. 77.

do numa multiplicidade de conflitos, que têm como móbil principal o interesse particular egoísta, a intolerância e a incapacidade de diálogo.

2. O PRINCÍPIO DE RESPONSABILIDADE

A dignificação da pessoa humana é, portanto, uma responsabilidade moral do homem. Uma responsabilidade não só do presente, mas também do futuro. De resto, se esta responsabilidade for efetivamente assumida no presente ela garantirá um futuro melhor, na perspectiva do enriquecimento moral da própria humanidade futura.

É nesta perspectiva que se enquadra também outro filósofo alemão do século XX, Hans Jonas, ao reformular o imperativo categórico kantiano num imperativo moral de responsabilidade humana pelas gerações futuras, tendo em conta a especificidade civilizacional humana do nosso tempo, claramente marcado pelo ritmo da tecnociência. Neste sentido, o “Princípio de Responsabilidade” de Jonas condu-lo a uma ética prudencial, providente e precavida para as consequências futuras da ação não antevistas do presente. Assim, se não temos conhecimento, nem consciência das consequências futuras da nossa ação no presente, é de elementar prudência não agir, pois o risco de uma ação de consequências imprevisíveis pode ser irremediável. Logo, irresponsável. Pensemos tão só na manipulação genética, com os exemplos da clonagem e da utilização dos transgênicos ou nas consequências da

manipulação da energia nuclear, etc. E, perante isto, pergunta-se: que fazer? Regressar às cavernas ou assumir o risco de uma condição evolutiva que faz de nós aprendizes de feiticeiro e manipuladores do fogo? Não se trata, em meu entender, de negar o processo evolutivo e civilizacional da humanidade, mas de assumir o risco de uma civilização técnico-científica com a sabedoria prudencial de que nem tudo o que podemos fazer, devemos fazer. Nomeadamente, não devemos arriscar fazer aquilo cujas consequências futuras não dominamos, sob risco de hipotecarmos o futuro das gerações vindouras. “Age de tal maneira que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a preservação da vida humana genuína”⁴, propõe Jonas, como princípio orientador de uma ação responsável.

Dois séculos depois de Kant, e na sequência de uma civilização científica e tecnológica, cujo desenvolvimento rompeu com os equilíbrios ecológico-ambientais, subvertendo o próprio conceito de vida, Jonas estende a base da moral kantiana a uma responsabilidade humana co-extensiva à própria natureza, sem a qual o homem não terá futuro. O respeito e a responsabilidade por uma natureza equilibrada é, assim, para Jonas, um dever moral humano. Um dever que, em meu entender, está sustentado numa preocupação de cariz ainda marcadamente antropocêntrico, ou seja, uma preocupação da natureza não ainda por ela mesma, como um valor em si própria e pelo que ela representa no seu

4. HANS JONAS, *Ética, medicina e técnica*, Lisboa, Veja-Passagens, 1994, p.46.

todo, mas pelo homem que dela depende. O fundamento desta moralidade é ainda o do interesse do próprio homem. É necessário ir ainda mais além em termos de paradigma moral.

3. POR UM EQUILÍBRIO SUSTENTÁVEL ENTRE O HOMEM E A NATUREZA

Urge colocar hoje a questão ético-moral da responsabilidade humana numa perspectiva não apenas antropocêntrica, mas numa perspectiva mais global, holística mesmo, no sentido de considerar a natureza, a vida e o humano como um todo interligado, que como todo deve ser considerado e respeitado, sob risco de uma caminho de insustentabilidade da natureza, da vida e, inevitavelmente, do próprio humano.

Trata-se naturalmente de um novo paradigma ético-moral no qual a máxima responsabilidade deverá estar diretamente ligada à maior capacitação da ação para a transformação do real à nossa volta. Daí que a capacitação técnico-científica, centrada no conhecimento como fator transformador do meio ambiente, deva ser encarada com a prudência sapiencial de que aquilo que pode proporcionar uma sociedade de bens socialmente úteis e justamente distribuídos, não descambe num sistema de produção e consumo acéfalo e iníquo, gerador de fortes desigualdade sociais e ao mesmo tempo desregulador dos equilíbrios ecológico-ambientais. Não esqueçamos que a própria desregulação da natu-



SÍMBOLO

reza é correlativa da desregulação social, tal como a exploração da natureza pelo homem é correlativa da exploração do homem pelo homem.

O grande desafio ético da responsabilidade perante as gerações vindouras é o da preocupação por um desenvolvimento sustentável e, por isso, equilibrado nas relações do homem consigo mesmo em termos de justiça social, mas também do homem com a própria natureza em termos, diríamos, de justiça ambiental. De resto, que direito temos nós no presente de (ab)usar do mundo que herdamos, legando-o à gerações futuras dos nossos filhos e dos nossos netos mais degradado e empobrecido do que o recebemos dos nossos avós? Imaginemos como seria a nossa vida presente se num passado de alguns milhares de anos atrás a utilização da energia nuclear tivesse sido possível e os homens de então tivessem depositado no seio da terra ou no fundo do mar os lixos nucleares tal como hoje fazemos? E, no entanto, hoje fazemos precisamente isso, contaminando os solos e vida marinha, sem nos preocuparmos com a qualidade de acondicionamento e de segurança desses lixos tóxicos num período de tempo tão longo, cujas consequência nefastas no futuro outros irão inevitavelmente sofrer. Não teremos nós o dever e a responsabilidade moral de legar às gerações vindouras um futuro pelo menos tão digno e equilibrado como aquele que herdamos dos nossos antepassados?

Ao contrário da descrição bíblica do Génesis, penso não assistir ao ser humano nenhum privilégio na ordem da criação, nem tampouco, ao contrário da tradição racionalista greco-romana, haverá uma superioridade humana sobre as outras espécies vivas legitimada em qualquer racionalidade lógica. O que há é uma contiguidade vital de todos os seres vivos, independentemente das suas naturezas e espécies, centrada numa união fraterna à mãe natureza da qual toda a vida depende. E assim, o preconceito milenar centrado na superioridade humana sobre a natureza, alicerçada nas matrizes judaico-cristã e greco-romana, que deram ao homem a ilusão de um ser superior, capaz de usar e abusar da natureza, tornando-a um objeto manipulável ao serviço do homem, faliu com o fim da modernidade, na passagem do século XIX para o século XX. Afinal, como diz Edgar Morin, já não somos mais o “Sapiens-Sapiens”, auto-maravilhado de contentamento pela sua condição de iluminado racional, mas talvez o “Sapiens-Demens”, enfeitiçado na demência de uma racionalidade descontrolada em direção ao vazio.

Que nos fique pelo menos a esperança orientada por numa sabedoria pudencial, simultaneamente ético-espiritual a cultivar permanentemente; uma sabedoria consubstanciada nas palavras proféticas do grande chefe índio: “Por fim, talvez sejamos irmãos”. A não ser assim, apenas o abismo nos espera para além do horizonte.



FRATERNIDADE

CAMPO HOLOTÉRICO

POR HERMÍNIO DUARTERAMOS

Prepublicação do 11.º Capítulo do livro de Hermínio Duarteramos, *Holotérica ou trajetória de um maçom azul*, aqui introduzido pelos sete parágrafos iniciais do seu Prólogo:

Creio que a simplicidade encima o monte de conclusões que fui empilhando na experiência da vida, durante intensos convívios com múltiplas gentes e vários povos, em movimento pelo mundo fora.

Todavia, quando acabei de escrever este livro, acerca do caminho maçónico do estimado desconhecido Hermano, mais um escrito entre outros em diversas línguas, reconheci quão difícil seria a sua leitura por quem não fosse familiarizado com a linguagem usada.

Observei que as ideias tecidas dificultavam a assimilação imediata, por serem invulgares, requerendo uma leitura pausada, além de que as palavras novas complicam mais a apreensão de pensamentos pouco triviais, embora a sua novidade possa entusiasmar quem lê com o prazer de saber diferente daquilo que já sabe.

Por isso, ocupei muito tempo a simplificar os modos descritivos – a podar os galhos mais secos do tronco germinado e a regar as raízes de modo que nascessem outros rebentos viçosos, apetecei-

veis de ver e que florissem em frutos maturados, para o leitor mordiscar e se extasiar, saboreando sucos variados e respirando aromas distintos.

Não estou certo de ter conseguido o que queria.

É que continuo a encontrar imensos neologismos (indispensáveis) e novos conceitos (necessários), em afirmações que exigem atenção serena a quem lê, apesar dos esforços a que me impus para motivar uma digestão salutar dos frutos colhidos e assimilados.

Atenção que muitos parecem exóticos, como era a fruta tropical no velho continente europeu, antes da vulgarização do consumismo transcontinental nas últimas três décadas – mas é preciso tomar-lhe o gosto.



A realidade concreta é constituída por matéria, formatada em múltiplos materiais, e também por sinais, modulados em informação que os humanos procuram descodificar, preenchendo o universo expandido na natureza em todo o espaço real.

Tal formatação massiva especifica a energia que vitaliza a diversidade macroscópica da realidade à dimensão humana, enquanto a modulação aparente emerge das formas íntimas como radiações indiciais.

Daí a existência dos sinais que o humano sente e pressente, como a luz em variadas cores e o som em diversos timbres, indícios de separação da etericidade representativa do inefável etérico, indefinível na incompletude da interpretação de cada pensante.

À extensão do pensamento afloram as telonomias da consciência, descontinuamente, apesar de parecerem contínuas, aqui e agora ou ali e depois, espalhando uma seara germinal de “novidades”, como diziam os antigos na infância de Hermano para referir os alimentos hortícolas desabrochados da terra¹.

O conjunto de realidades apercebidas na mente desponta como um campo semeado, que o presente torna consciente, tal qual acontece na manifestação do campo elétrico no espaço à volta de qualquer fonte eletrizante².

A mente é um campo gerado pela permanente atividade cerebral, com pés de impulsos entroncados por espetros eletromagnéticos infinitos³.

Este campo mental corresponde a algo mais que uma abstração, existe para lá do visível e encontra-se aquém do oculto, chega ao interior profundo do ego (a alma finita), embebido na realidade extensiva do mundo natural,

dentro e fora do corpo humano (o universo infinito).

Tudo isto ocorre mesmo que não seja detetado nos objetos persistentes, por incapacidade biológica (os cães ouvem sons que os humanos não conseguem) e falta de instrumentação artificial adequada (os detetores de radiações infravermelhas mostram formas materiais impercetíveis na escuridão).

O pensamento, naturalmente etérico, acerca de tudo o que há no interior e no exterior do próprio humano que pensa, cultiva o campo holotérico⁴, interpretado em si como imagens dinâmicas da realidade acessível à etericidade mental, em trajetórias contínuas nos retratos de fase da vivência individual.

Deste modo, os estados das existências possíveis representam a holidade, significando toda a interpretação dos mundos, desde o quântico, na subrealidade das partículas da natureza, ao transcendente, na sobrenaturalidade espiritual e quiçá divina.

Não admira que Hermano tivesse chegado ao princípio da interpretação holística como fundamento da “teoria de tudo”⁵:

«É esta a grande arquitetura do universo.»

A holidade engloba a firme realidade e a es-corregadia sacralidade em tudo o que existe, subentendido nas manifestações da natureza (no espaço real) e da sobrenatureza (no espaço sacral), enquanto o campo holotérico mani-

festa a interpretação dessa holidade existencial em quatro quarteirões, pelo cultivo gnosotérico, exotérico, esotérico e mesotérico, cada um caracterizado por singulares relações funcionais.

A índole gnosotérica, concepção peculiar da natureza existente no mundo onde os humanos vivem, valoriza o conhecimento científico e tecnológico pela física da realidade natural⁶, seguindo o senso lato de que tudo aquilo que há no universo cósmico do espaço real constitui o coletivo profano ou laico.

A ciência interpreta a intimidade da realidade e a tecnologia utiliza esses conhecimentos das coisas na extensão espacial da matéria e dos sinais, expressões massivas e ondulatórias da poeira primeva (materiais e símbolos).

Isto faz da massa física uma matriosca ou boneca russa, composta no modelo padronizado das partículas elementares do átomo por seis leptões de matéria (elétron, muão, tau e os três neutrinos eletrônico, muônico e tauônico), seis quarks materiais com diferentes “sabores” e diversas “cores” (alto, encantado, topo, fundo, estranho e baixo) e ainda cinco bosões portadores de forças energéticas (gluão, W, Z, fóton e higgs)⁷.

A fórmula exotérica, expressão peculiar das formulações exteriorizadas dos humanos, especula com a filosofia e a prosa ficcionista (de base real e imaginária), através da razão na realidade cognitiva, ainda no espaço real mas fazendo intervir a imaterialidade individual do ego interno.

A filosofia interroga e a literatura descreve a realidade⁸, deixando as respostas decisivas entregues à ciência ou à religião.

Em qualquer caso, as várias contribuições alicerçam o enunciado, que é o *logos*, no argumento do princípio antrópico⁹, quer dizer, os parâmetros do modelo interpretativo do cosmos devem ser compatíveis com a física e a química que generalizadamente se conhece na matéria orgânica e inorgânica.

A simbologia esotérica, representação peculiar do interior mental do humano, verte a religião confessional e a poesia declamada, sobretudo nas respostas místicas aos anseios por valores absolutos, cuja existência se admite indefinida pela fé na espiritualidade presentida.

A religião glorifica e a poesia exalta pelo misticismo do sagrado, que representa a sacralidade no mundo natural dos humanos.

É por isso que a ressonância da morte na vida eleva altas preces, como evoca a “inscrição” da poetisa Sophia Andresen (1919-2004): “Quando eu morrer voltarei para buscar // Os instantes que não vivi junto do mar.”¹⁰

A roda mesotérica, utilização peculiar da intermediação material-imaginal, relaciona a matéria da realidade objetiva e a transcendência da alma subjetiva, aquilo que o filósofo pressocrático Anaximandro de Mileto (610-547 aEC) designou por metafísica e que

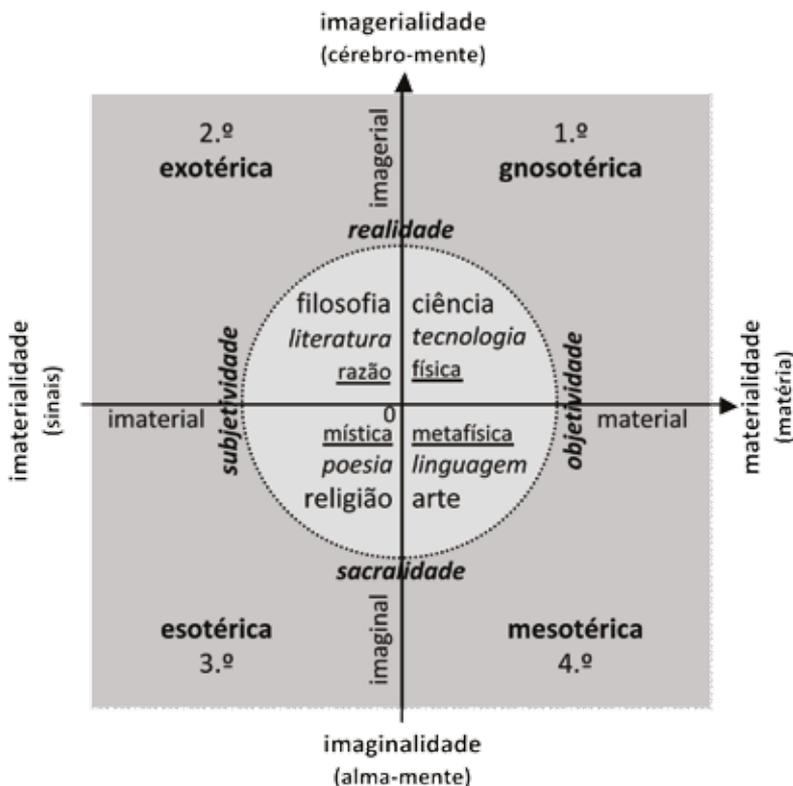
aproxima a índole do sagrado por intermédio das artes e das linguagens.

A arte suscita e a linguagem descreve¹¹ a conciliação da física natural do real com a metafísica transcendente do sacral, como meio platónico de ligar o abstrato imaginário ao concreto científico.

Compreende-se assim que a arte celebre a beleza espacial com as manifestações do mo-

vimento, como já terá concluído o renascentista Leonardo da Vinci (1452-1519) com a sua enigmática pintura¹².

As imagens destes quatro quarteiros referem-se a relações funcionais da matéria ou da imatéria com o imagerial ou o imaginal em dois eixos ortogonais – que a figura apresentada ilustra globalmente por meio de quatro quadrantes, pretendendo sintetizar de maneira fácil a compreensão da complexidade holística¹³.



Princípio da representação da holidade no campo holotérico.

Um eixo horizontal reparte as trajetórias da realidade e da sacralidade nos espaços real e sacral, acessíveis aos humanos em representações referidas à materialidade das substâncias naturais (o material, na abscissa positiva) e à imaterialidade dos sinais invisíveis e visíveis da percepção sensitiva (o imaterial, na abscissa negativa).

Outro eixo vertical divide as trajetórias acessíveis da objetividade e da subjetividade nos mesmos espaços, dizendo respeito à imagierialidade das transferências cérebro-mente pela cognição, devida à função operativa da matéria cinzenta (a realidade imagerial, na ordenada positiva), e à imaginalidade das transformações alma-mente pela transcendência, julgada imersa na matéria branca do cérebro (a realidade imaginal, na ordenada negativa).

As coordenadas simbólicas projetadas num eixo (o vertical) significam as variações das coordenadas no outro eixo em quadratura (o horizontal), numa tipificação generalizada de velocidade (variação por unidade de tempo) da posição genérica do estado no campo.

«Por conseguinte, cada local do espaço de estados exprime a dinâmica de qualquer trajetória holotérica que por aí passe», concluiu Hermano com incontido entusiasmo, como se quisesse iluminar a sua própria trajetória.

O primeiro quarteirão¹⁴ corresponde a estados da física do mundo, interpretado sobretudo pelas ciências e tecnologias em conceitos e obras; o segundo quarteirão refere-se

à criatividade especulativa da razão, traduzida geralmente nas filosofias e em prosas de ficção; o terceiro quarteirão equivale ao pensamento místico, sobretudo devotado às revelações religiosas e declarações poéticas; o quarto quarteirão diz respeito à metafísica medianeira, suportada por inúmeras manifestações artísticas e plurais notações linguísticas.

Nesta globalidade, a transformância¹⁵ verificada no campo holotérico pelo comportamento dos sistemas evolui consoante as dependências entre a dinâmica das variáveis cinemáticas do imagerial e do imaginal (na vertical) e as correspondentes evoluções das variáveis posicionais do material e do imaterial (na horizontal).

Quando chegou a estes resultados, Hermano apercebeu que ninguém, hoje, na sociedade tecnológica em que vivemos, entende as transformâncias observadas na infância, apesar de continuarem a identificar, na essência das coisas da vida, o verdadeiro alimento da continuidade da existência.

Então, concluiu que seria muito complicado dar a perceber tão grande generalização das suas teorizações, emergentes das práticas vividas no silêncio da sua independência, sem uma formulação matemática coerente.

Não bastava ter fundamentado todo o pensamento em comprovadas transformações das dinâmicas no tempo para imagens no espaço dos números complexos, que permitem resolver complicados problemas de engenharia

ria¹⁶, pois o popular grande público, e também as elites enclausuradas no humanismo medievo, desconhecem e não querem conhecer e só consentem escutar aquilo que querem ouvir, porque é o que lhes dá gozo ou poder particular.

«Assim, o tempo estaciona», desabafou Hermano comigo, angustiado com a plausível estacionaridade das sociedades humanas.

E, incrédulo de esperança ou estupefacto pela irracionalidade vulgar, lançou o desafio:

«Como conseguir sensibilizar não iniciados sobre tão distantes raciocínios?»

Por exemplo, a ética (de índole racional) depende do eixo imagerial relativamente ao material e a moral (de índole confessional) é função do eixo imaginal em relação ao imaterial, reportando a eticamoral da totalidade integrada, que contempla a tendência perfeccionista dos preceitos maçónicos, para a dependência de semieixos mistos em quadratura, quer a quadratura imaterial-imagerial (de estados especulativos) quer a quadratura oposta material-imaginal (de estados simbólicos).

Nesta perspetiva, a ética para valorização gnosotérica, ou mesmo a eticamoral exotérica da imagerialidade referente à cognição natural, que representa o lado profano ou laico da vida humana, nem sempre coincide com os valores da moral esotérica, ou até com os valores eticomorais na mesotérica de imaterialidade da natureza, que constitui o lado

sagrado da vida correspondente à hipotética sobrenatureza.

A análise da história mostra que será pouco plausível a aceitação de reflexões a tamanhas profundidades, mas isso não impede que se fale sobre essas leis universais (ainda que de maneira aligeirada), nem que seja somente para escutar o paciente tio Feliciano, com a esperança de que as elites despreocupadas também oiçam as vozes no deserto – e reajam ao desafio do entendimento.

Sabe-se que a evolução dos comportamentos da humanidade ocorre em processos dinâmicos, enquadrada na telonomia civilizacional, conforme os grandes ciclos do permanente movimento histórico, hoje em dia ainda longe da completa harmonização ética dos usos e costumes de todos os povos do planeta.

Numa trajetória da holidade, desenvolvida no espaço com o tempo, as respostas da ciência da religião no quartirão gnosotérico (o 1.º) ou da filosofia da religião no quartirão exotérico (o 2.º)¹⁷ podem distinguir-se das respostas da religião em si mesma no quartirão esotérico (o 3.º) relativamente ao simbolismo espiritual das artes no quartirão mesotérico (o 4.º).

O primeiro quadrante, ontológico (da ciência), opõe-se ao terceiro ou místico (da religião), tal como Platão escreveu: “O ser será expresso pelo saber, opondo-se à crença captada na aparência e expressa pela opinião”¹⁸.

Por sua vez, o segundo quadrante, especulativo (da filosofia), em oposição ao quarto ou simbólico (da arte), contrapõe a fantasia de ordem cósmica, elevando os sentidos da alma para a música do céu, afinal a harmonia dos relacionamentos das partes do universo num todo consistente.

«Como é que isto tudo se enquadra na vida quotidiana de cada humano?»

A humanidade vive atualmente num estádio de civilização que desintegra a simbiose éticamoral, contida na exotérica e na mesotérica, embora se pugne pela fusão seletiva, tentando manter compatíveis as diferentes culturas dos diversos povos à dimensão global.

Já se pressentem pontes de ligação entre a gnosotérica da natureza e a exotérica da realidade cognitiva pela utilização das neurociências, suportadas nas técnicas de imagieria cerebral: hoje praticam-se várias tecnologias de observação não invasiva do cérebro, como a magnetoencefalografia e a ressonância magnética funcional, com excelentes resultados para o avanço interpretativo do sistema cognitivo.

Muita gente tem a convicção da exotérica ser inconciliável com a esotérica, como exemplifica a incompreensão de muitos católicos, ao persistirem na falta de conciliação maçónica com o catolicismo¹⁹, pois, em geral, as pessoas pretendem manter a realidade cognitiva afastada da sacralidade divina, ou inversamente.

Na verdade, preferem catalogar uns crentes religiosos como deístas, reduzidos à ética humana, e outros de teístas, redutores pela moral revelada – mas trata-se de uma atitude arbitraria e desprovida de fundamento sólido, porque o humano é intrinsecamente um complexo integral de dúvidas e certezas temporárias, emergentes da lei universal da interpretação.

Por esta justificação, a maçonaria mostra-se perfeitamente conciliável com as religiões e as igrejas de boa fé, existindo bons maçons cristãos, ao contrário do que alguns católicos radicais propalam.

O tempo alfa do poder secular ligado ao temporal já passou, quando acabaram os imperadores ou reis supostos divinizados, mas há de chegar o tempo da unificação inversa, em que o temporal encontrará sustentabilidade definitiva no secular.

Assim se prediz, hipoteticamente, porque o aperfeiçoamento espiritual dos humanos poderá chegar a esse ponto ómega, após o ciclo da sociedade tecnológica de grande peso logicial²⁰, para que tende o século 21 com a generalização dos sistemas digitais.

Da mesma maneira, a civilização ainda pretende estabelecer relações mesotéricas à esotérica, procurando identificar a imaterialidade natural com a sacralidade sobrenatural, por intermédio da extrapolação do binómio profano-sagrado.

Além disso, a holidade estende-se para lá do indivíduo e do social, passa do antropocentrismo religioso, mesmo alargado ao comunitário humano ou até ao coletivo sociológico, para penetrar no ecocentrismo dos ambientes vitais e daí arribar ao universo interplanetário.

Esta viagem sistémica, que inclui a visita a todas as partes da globalidade existencial, conduziu Hermano a condescender nas generalizações:

«De facto, a ideia liberal dos direitos humanos alarga-se naturalmente à comunidade biótica inteira.»

Este ponto de vista da natureza integrada dá ao humano a visão humilde de pertencer a um todo evolutivo, em que a luta pela sobrevivência deve obedecer a normas holísticas de respeito pelo bem e condenação do mal, regras de conduta aplicáveis a tudo o que existe, tanto animais como plantas ou minerais e à própria terra, incluindo a hipótese de diversos mundos no cosmos²¹.

É certo que o bem convive sempre com o mal (aliás, o bem só existe porque há mal), por exemplo, os vírus da gripe ou da sida são invasores destrutivos de outras vidas, merecendo a punição predestinada, mas as bactérias nos organismos biológicos fazem parte da vida²².

Cabe ao humano a responsabilidade de ajuizar os valores da holidade, não somente da humanidade, e isso cumpre-se completamente no campo holotérico, com as ciências iluminadas

em tudo pelas religiões²³ e a intermediação das formulações das filosofias e das artes, a fim de que a complexidade se converta em simplexidade²⁴.

«Eis o mistério de conhecer o desconhecimento.»

Tal acontece, naturalmente, a qualquer humano e em todas as situações: a ciência dos inegáveis conhecimentos gnosotéricos, validados pela experimentação da realidade, assenta nas refletidas exteriorizações exotéricas, emergentes da especulação filosófica, polarizando as imagináveis interioridades esotéricas, vertidas pela devoção sentida, até se complementarem as simbologias mesotéricas, criadas a partir da metafísica na ciência à medida que a sabedoria se dilui na beleza com ciência e arte.

Então compreendemos melhor quem somos e o que somos, depois de crescermos a olhar o espelho da experiência nas três primeiras héptadas da vida, marcadas pela infância, adolescência e juventude, entrando no fogo da sabedoria adulta com a terra da raiz original dentro de nós já misturada na água do movimento temporal e no ar da dinâmica ativa, sempre dentro do processo etérico do pensamento.

Estas constatações exprimem que o campo holotérico traduz a visão global das circunstâncias, integrando as essências e as formas sem perder o contacto circunstancial.

«Quer dizer, sou consciente de ter os pés no

chão», reafirmou Hermano, para que ninguém tivesse dúvidas acerca do seu realismo, embora com a certeza de que tudo se apresentava muito complexo, ou seja, indefinido, incompleto, incerto ou indeterminado²⁵.

Trata-se de um efeito natural da evolução, digo eu, marcado na união do holoterismo científico e filosófico.

NOTAS

1. Quando a segunda guerra mundial implicava valorizar muito o que se comia e poupava, em cada dia.
2. Hermínio Duarte-Ramos, *Mais ou menos*, Hader, 1985, Lisboa.
3. Os múltiplos impulsos do campo integrado nas imagens mentais equivalem aos pontos (ou pixels) das imagens discretas nos ecrãs eletrónicos dos televisores ou dos monitores de vídeo em computadores e telemóveis (que os olhos não distinguem, à escala comercial).
4. Do grego *holos* ou todo e *aither* ou éter.
5. A “teoria de tudo” (inglês *ToE* ou *Theory of Everything*) é uma teoria unificadora de todas as interações materiais do universo, que pretende interpretar os fenómenos físicos numa única abordagem matemática (com integração das teorias quântica e relatividade geral), tentada por Einstein e outros físicos pela expansão cosmológica do universo, a partir de uma hipotética explosão primordial (inglês *Big Bang*), mas ainda sem sucesso (a teoria quântica funciona à escala infinitesimal e a teoria da relatividade opera à grande escala do cosmos).
6. Hermínio Duarte-Ramos, *Untersuchung des räumlichen und zeitlichen Ablaufs der Zerstörung von Polyäthylen bei inhomogenem Feldverlauf* (*Investigação da evolução espacial e temporal da destruição de polietileno por campos nãouniformes*), Diplomarbeit, Leibniz Universität Hannover, 1971.
7. Michael Slezak, «New particle, new questions» («Nova partícula, novas questões»), *New Scientist*, n.º 2873, 14 July 2012, London.
8. Hermínio Duarte-Ramos, *Catraplim: estórias fora do tom*, Hader, 1986, Lisboa.
9. Stephen Hawking, Leonard Mlodinow, *The Grand Design* (*O Grande Projeto*), Bantam Books, 2010, London.
10. Sophia de Mello Breyner Andresen, *Obra poética*, Caminho, 2011, Lisboa.
11. Noam Chomsky, *On Language* (*Sobre a linguagem*, 1975), The New Press, 2007, New York.
12. Isabel Nogueira, *Teoria da arte no século XX*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, Coimbra.
13. O desenho da figura representa o campo holotérico num sistema de eixos perpendiculares entre si (ou em quadratura), os quais definem as relações dinâmicas do campo de estados da holidade.
14. O quadrante geométrico é aqui designado por quarteirão com vista a distinguir a índole holotérica do campo quadripartido.
15. A transformância simboliza a prática normal dos pastores nómadas usada para alimentar os seus rebanhos de ovelhas e cabras nos terrenos alentejanos de diferentes proprietários, tradicional partilha mantida até meados do século passado, deslocando os animais no decurso do dia de um sítio para outro à procura dos pastos despontados no chão do campo, em troca da fertilização natural dos solos nos locais de pernoita.
16. Joel L. Schiff, *The Laplace Transform* (*A transformada de Laplace*), Springer, 1999, Berlin.
17. No sentido direto (contrário ao movimento dos ponteiros do relógio analógico).
18. Platão, *A República* (Livro V), Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, Lisboa.
19. Dominique Rey, *Pode um cristão ser maçom?*, Lucerna, 2012, Cascais.
20. O termo “logical” significa *software* em inglês.
21. M. Fontez, E. Abdoun, «Nous ne sommes pas seules» («Não estamos sós»), *Science & Vie*, n.º 1139, août 2012, Montrouge.

22. Um estudo do *National Human Genome Research Institute* revelou que há cerca de trinta milhões de espécies microbianas, das quais mil vivem normalmente na pele do corpo humano, e estima-se que setenta trilhões (no sistema de contagem americana) de células bacterianas residam no nosso corpo inteiro, segundo nota a revista *Discovery*, September, 2009, New York.

23. É claro que não se preconiza a antiga espiritualidade indiana dos jainas, fundada por Mahavira (599-527 aEC) em competi-

ção com o budismo e o ajivikismo, pela radicalização da não-violência (*ahimsa* em sânscrito).

24. A simplexidade exprime que as funções desempenhadas pela realidade se dominam pelo conhecimento, quer nos sistemas simples quer nos complicados.

25. H. Duarte-Ramos, «Hard and soft systems intentionality» («Intencionalidade rígida e flexível de sistemas»), *7th European Systems Science Congress*, 2008, Lisboa, <http://www.res.systemica.org/afscet/resSystemica/Lisboa08/>.



SUPREMO CONSELHO DE
MOÇAMBIQUE
24 DE NOVEMBRO DE 2012

Minhas senhoras e meus senhores,

Querido Irmão João Carlos Trindade, Muito Respeitável Grão Mestre da Grande Loja de Moçambique,

Querido Irmão Aly Dauto, Ilustríssimo e Muito Poderoso Soberano Grande Comendador para Moçambique,

Querido Irmão Ben Lindeque, Ilustríssimo e Muito Poderoso Soberano Grande Comendador para a África do Sul,

Querido Irmão Geay Yacouba Ballo, Ilustríssimo e Muito Poderoso Soberano Grande Comendador para a Costa do Marfim,

Querido Irmão Peter Kalpaktchiev, Ilustríssimo e Muito Poderoso Soberano Grande Comendador para a Bulgária,

Ilustríssimo Irmãos das comitivas dos Supremos Conselhos Consagrantes e Visitantes,

Muito Querido Irmão José Carlos Nogueira, Ilustríssimo e Muito Poderoso Past-Soberano Grande Comendador para Portugal,

Ilustríssimos Irmãos membros do Supremo Conselho para Moçambique,

Ilustríssimos Irmãos membros do Supremo Conselho para Portugal,

Meus Irmãos em todos os vossos graus e qualidades:

Foi com imensa alegria que conduzi esta sessão, que ficará na memória dos maçons, pois não só dá continuidade ao espírito de divulgação do Rito Escocês Antigo e Aceite, mas também formaliza a criação de mais um Supremo Conselho de língua Portuguesa, tal como aconteceu com o primeiro Supremo Conselho para Portugal, criado no ano de 1840, por autorização do Supremo Conselho para o Brasil, sendo seu Soberano Grande Comendador o Ilustríssimo e Muito Poderoso Irmão Francisco de Montezuma.

Cabe-me, em primeiro lugar, agradecer não só ao Muito Poderoso Past-Soberano Grande Comendador para Portugal, Ilustríssimo Irmão José Carlos Nogueira, a quem se deve o lançamento da primeira pedra desta obra, mas também quer aos nossos muito queridos Irmãos Moçambicanos, pelo esforço e dedicação postos na sua edificação, quer aos nossos também muito queridos Irmãos Félix Lopes e Carlos Inácio, que nela tanto se empenharam.

Na carta que dirigi aos obreiros do nosso Supremo Conselho, referindo a cerimónia de hoje, para além de exprimir o desgosto de ver sair da nossa casa Irmãos que muito amamos, enfatizei a grande alegria que constitui a criação do Supremo Conselho para Moçambique e o reconhecimento do atingir da maturidade maçónica neste país, que lhe é implícito.

Para todos os obreiros do Rito Escocês Antigo e Aceite espalhados pela superfície da Terra, tal criação acalenta a esperança de trabalho profícuo em prol de uma ordem que quer consequentes os seus ideais reconhecidamente justos e a sua luta em prol do homem.

De tal são testemunho as mensagens recebidas de tantos outros Supremos Conselhos.

Mais que o alimentar da esperança compete, sem sombra de dúvida, a qualquer de nós não desmerecer do passado onde, desde o Século XVIII, as nossas lojas com a sua prática esotérica, a livre comunicação entre os seus membros e o contacto entre povos e culturas diferentes foram cadinho onde fervilharam ideias e transbordaram acções tendentes a mudar a face da sociedade.

Ciência Experimental, Iluminismo, Tolerância Religiosa, Ecumenismo Democracia, Entendimento de igual dignidade de todas as pessoas, Direitos Humanos, Unidade global dos homens e a recusa do recurso à guerra como meio para solucionar diferendos internacio-

nais (não obstante as suas sedes próprias) são fruto inquestionável da reflexão maçónica.

Da acção que lhe foi consequente nasceram factos como a ciência moderna, a revolução francesa e a independência americana, o fim da escravatura, bem como a solução de vários problemas internacionais pelo estabelecimento dos mecanismos de manutenção de paz na Europa e no Mundo que o Século XX viu nascer.

Mas qual a nossa missão neste Século?

Certamente não a passividade, o conformismo, a inércia e o alheamento.

Numa Sociedade carente de fé, cujos valores morais e éticos se encontram fortemente abalados, orientada para a excelência material, incapaz de lutar eficazmente pela sobrevivência da espécie, assolada por extremismos geradores de insegurança e medo conducentes à abdicação da liberdade, angustiada com as consequências do rebentar da bolha financeira e imobiliária de 2007, compete a cada um de nós, enquanto membros do Rito Escocês Antigo e Aceite, para quem as palavras não constituem oratória oca, constituir-se no seu seio como exemplo de ética, de integridade e de cidadania, contribuindo com a sua reflexão e actuação para a resolução ou minimização dos problemas do homem e construir aquisições sociais em detrimento de direitos dependentes de caridades individuais ou colectivas.

O nosso Eu interior tem que se tornar disponível para receber uma nova orientação, porque precisamos urgentemente, de uma nova via que nos leve para além da escuridão que tem estado a abater-se sobre nós.

Urge uma nova Visão.

Como dizia Salomão, há quase 3 mil anos, “onde não há visão, o povo perece”.

O interesse do grupo, do país ou do planeta está sacrificado a um individualismo feroz. O Eu impera em detrimento da solidariedade, alicerce de qualquer sociedade.

O crescimento permanente exigido pela economia e a inerente busca da excelência pelo Homem aliada a uma exacerbada ambição do Ter está a conduzir não só ao aprofundamento do fosso entre as classes, criando uma agitação social que tem vindo a aumentar notoriamente, mas também, com o seu consumismo desenfreado, a colocar em risco a viabilidade de um planeta finito que vê esgotarem-se os recursos que sustentam a vida.

Ao contrato social de Rousseau, deverá sobrepor-se um Contrato Natural, isto é, um contrato com a Natureza salvaguardando o futuro das espécies.

O nosso Planeta é um organismo vivo e, podem estar certos, que se defenderá do Homem se o

Homem não se defender de si próprio.

Importa desenvolver na sociedade em que nos inserimos, não só o sentido da equidade, do civismo, da colectividade e da humanidade, mas também o respeito pelo ambiente como forma de legarmos aos vindouros um mundo em que a Humanidade prevaleça sobre o indivíduo.

Evitemos o opróbrio da derrota que se configurará caso não transportemos para a vida profana a riqueza dos ensinamentos do Rito Escocês Antigo e Aceite.

Torna-se, assim, necessário que todos nós, observando a liberdade individual e praticando-a, em estreita colaboração, no estrito respeito pelos costumes e leis dos nossos países, retomemos a luta, alavancada com a nossa força e determinação, e temperada com a nossa modestia e humildade.

É tudo meus Irmãos.

Um poeta árabe sufi, afirmou:

Nós não possuímos nem a alma nem o destino dos nossos filhos.

Somos o arco que lança as flechas, ignorando onde irão cair.

Que o Grande Arquiteto do Universo a todos vós abençoe e proteja na missão que vos compete empreender.



PROJECCÃO

Minhas senhoras e meus senhores,

Meu Muito Querido Irmão João Carlos Trindade, Muito Responsável Grão Mestre da Grade Loja de Moçambique,

Meu Muito Querido Irmão Agostinho Garcia, Ilustríssimo e Muito Poderoso Soberano Grande Comendador de Portugal,

Querido Irmão Bem Lindeque, Ilustríssimo e Muito Poderoso Soberano Grande Comendador da África do Sul,

Querido Irmão Peter Kalpaktchiev, Ilustríssimo e Muito Poderoso Soberano Grande Comendador da Côte d'Ivoire,

Meu Querido Irmão José Carlos Nogueira, Ilustríssimo e Muito Poderoso Past Soberano Grande Comendador de Portugal,

Meu Muito Querido Irmão Félix Lopes, Ilustríssimo e Poderoso Grande Inspetor Litúrgico do Supremo Conselho de Portugal,

Ilustríssimos Irmãos membros do Supremo Conselho de Portugal,

Ilustríssimos membros do Supremo Conselho de Moçambique,

Meus Irmãos, em todos os vossos Graus e Qualidades:

É com profundo prazer e distinção que, neste dia, vos recebemos na nossa capital — Maputo —, nesta índica cidade que, dos seus ancestrais às gerações de hoje ressalta também a Universalidade de Ordem a que pertencemos. Maputo é conhecida como “cidade das Acácias” e acredito que, ao percorrer uma ou outra avenida, tereis notado a forte presença da rubra da cor dessas árvores, para nós carregadas de tão forte simbolismo. Rejubilemos, pois, que as acácias de Lourenço Marques, antiga designação de Maputo, foram plantadas por Irmãos nossos, por maçons que tiveram um papel preponderante no legado urbanístico que nos foi deixado.

É, pois, com grande alegria e satisfação que vos acolhemos entre nós, neste momento de grande solenidade histórica para a nossa Arte Real. Aos Irmão que se deslocaram de outras latitudes, algumas bem distantes, uma especial saudação fraterna.

Permitam-me a justiça de destacar, nesta saudação inicial, o Supremo Conselho para Por-

tugal e, em especial, o seu Soberano Grande Comendador, Irmão Agostinho Garcia, e o respectivo antecessor, Past-Soberano Grande Comendador, Irmão José Carlos Nogueira, bem como os Ilustríssimos Irmãos Félix Lopes e Carlos Inácio, pelo esforço abnegado que empregaram para que este dia se tornasse uma realidade.

Não existem palavras que me permitam descrever, com rigor, a emoção que sinto neste momento, pela oportunidade de estar na vossa companhia, acrescentando uma página mais à História da Maçonaria em Moçambique, representada na Instituição e Consagração do Supremo Conselho dos Altos Graus Filosóficos do Rito Escocês Antigo e Aceite, no nosso país.

Dirigida pelo Soberano Grande Comendador, este corpo maçónico, agora instalado, assume desde já a jurisdição independente e tem a responsabilidade de manter a regularidade, para que seja reconhecido pelos seus pares.

Meus Ilustríssimos Irmãos,

Na sequência dos trabalhos por todos e cada um operados nos últimos anos ao serviço da Maçonaria, enquanto cidadãos, homens de bem, na soma dos esforços e vontades entramos numa nova era para a nossa Augusta Ordem, em que a reflexão filosófica sobre o Homem, o seu destino, a sua centelha divina e os valores que prosseguimos, adquirem uma importância maior, não obstante os compromissos menos éticos de alguns.

É na transição do elemento simbólico para o filosófico que a lenda do Mestre se constrói passo a passo e o maçõn aprofunda os seus conhecimentos através da sua evolução para os graus superiores das Lojas de Perfeição (do 4º ao 14º Grau), dos Capítulos (do 15º ao 18º), dos Areópagos (do 19º ao 30º) e dos graus administrativos (do 31º ao 33º Graus).

A reconstrução do Templo de Salomão tem aqui uma particular importância.

Factos relevantes e auspiciosos de um franco progresso serão os eventos dos últimos dias, em que, numa só cerimónia, 14 irmãos foram iniciados no Graus Superiores das Lojas de Perfeição, como os Mestres Secretos, e, noutra, 10 irmãos foram iniciados como Soberanos Grandes Inspetores Gerais. Tamanho avanço não teria sido possível sem o acompanhamento dos nossos Ilustríssimos Irmãos do Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Inspetores Gerais do 33º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, a quem enaltecemos o acreditar de forma inabalável e a quem endereçamos os mais emocionados e fraternos agradecimentos.

Este passo vem consolidar a presença da nossa Augusta Ordem em Moçambique, encetada pelos Irmãos Naturalistas no século XVIII e recuperada com a Instalação da Grande Loja de Moçambique em 2009.

Agora, novos horizontes se aprumam na construção de uma obra maior e de continuidade.

Sintamo-nos orgulhosos pela partilha de tal triunfo e por pertencermos a uma Ordem que preconiza os valores do Humanismo, contribuindo para o aperfeiçoamento de cada um dos seus Obreiros e inspirando-os a terminar no exterior a obra começada no Templo.

A cada maçom compete a continuidade da herança recebida, a Tradição: ser o exemplo dos valores e princípios humanistas, éticos, de rigor e cidadania, transpondo para o coração da sua família próxima a coragem e a perseverança na procura da Luz, do equilíbrio entre todas as forças, do amor ao próximo e da harmonia.

Meus Queridos e Ilustríssimos Irmãos,

Quero aqui expressar a minha concordância total e completa com as palavras proferidas pelo meu Querido Irmão Soberano Grande Comendador, Agostinho Garcia, a respeito da missão que nos cabe, como maçons, neste século em que acabámos de entrar e sobre a exigência de uma nova Visão sobre o Mundo e sobre a Vida.

Vivemos numa era de transformações aceleradas e são muitos os desafios que se nos colocam, desde a urgência na diminuição das desigualdades sociais, à necessidade de mais e melhor educação, à promoção da literacia e do conhecimento, ao combate incessante à desnutrição e à fome, à mais equilibrada distribuição de recursos, como a água potável e as energias renováveis, à luta contra a de-

sertificação e o efeito de estufa, ao controlo do crescimento populacional, à redução da poluição e das consequências das mudanças climáticas.

Acresce a isto tudo a constante incapacidade do Homem em superar os seus dogmas políticos, religiosos ou sociais, que cerceiam a liberdade do ser humano e impõem diferentes formas de humilhação. Essa depauperação permanente produz um intenso sofrimento, uma tristeza que se cristaliza num estado de infelicidade crónica na vida quotidiana e que se reproduz na memória das gerações, dos povos e do Mundo.

Compete, pois, à Maçonaria e a todos os bons maçons o assumir de responsabilidades para com os futuros possíveis.

Termino a minha intervenção voltando a citar, como fiz noutra ocasião, o pensador bielorusso Lev Vigotski:

“Quando nos achamos em presença das individualidades humanas que revelam o grau máximo de perfeição ética e a mais maravilhosa vida espiritual, encontramos-nos diante de um sistema no qual o todo mantém uma relação com a unidade”.

Que o Grande Arquitecto do Universo ilumine o nosso caminho.

Muito obrigado.



LIBERDADE

LEITURAS

POR JOSÉ MANUEL ANES

JOSÉ MANUEL ANES

FERNANDO PESSOA E OS MUNDOS ESOTÉRICOS

3.^a
EDIÇÃO
REVISTA E
AUMENTADA

ÊSQUILO

JOSÉ MANUEL M. ANES,
FERNANDO PESSOA E OS MUNDOS ESOTÉRICOS,
ED. ÊSQUILO,
LISBOA, 1^A E 2^A EDS. 2004, 3^A ED. 2006

Esgotado em 3^a. Edição – e aguardando que o Editor edite a 4^a. Edição, que será naturalmente revista e aumentada, como o foi a 3^a. –, este livro tem recebido uma atenção favorável de alguns especialistas. Assim, a Prof^a. Teresa Rita Lopes tem-no aconselhado aos seus alunos de Mestrado na FCSH/UNL como uma introdução ao esoterismo pessoano e Richard Zennit (o último prémio Pessoa) referiu publicamente no Congresso Internacional sobre Fernando Pessoa, realizado há cerca de 3 anos em Lisboa, numa organização da Casa Fernando Pessoa, que se tratava de uma abordagem “objectiva” deste tema.

Como chamou a atenção Jorge de Sena (no “Diário de Notícias” de Março de 1957 e depois no “Estado de S. Paulo” de Março de 1963 e no “Comércio do Porto” de Janeiro de 1964), “O capítulo das relações e convicções esotéricas de Fernando Pessoa é, ainda hoje, por ser fundamental, um dos menos compreendidos. Não é possível compreender-se aquilo que não se toma a sério (...) É porém, indispensável tomarmos a sério, criticamente, aquilo que Pessoa assim tomava. Porque grande equívoco é (...) não situar no seu contexto europeu um interesse pelo Oculto que Pessoa partilhou com quase todos os grandes

pares do post-simbolismo. Ele, Yeats, George, Rilke, Milosz, e tantos outros, não podem ser compreendidos e valorizados, se forem pudicamente amputados do que, com características várias, foi parte integrante das suas visões do mundo” (citado por Vítor Belém *in* “O Mistério da Boca do Inferno”, p. 43).

O próprio Poeta-esoterista dá conta, com entusiasmo, deste seu interesse sofrido no “Livro do Desassossego I – Vicente Guedes” – edição de Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Relógio de Água, 1997, p. 160) : “Do estudo da metafísica, das ciências, passei a ocupações do espírito mais violentas para o equilíbrio dos meus nervos. Gastei apavoradas noites debruçado sobre volumes de místicos e de cabalistas que nunca tinha paciência de ler de todo, de outra maneira que não intermitente trémulo (...). Os ritos e as razões dos Rosa-Cruz, a simbólica (...) da Cabala e dos Templários (...) – sofri durante tempos a aproximação de tudo isso. E encheram a febre dos meus dias especulações venenosas, da razão demoníaca da metafísica – a magia, (...) a alquimia – extraindo um falso estímulo vital da sensação dolorosa e presciente de estar como que sempre à beira de saber o (ou um) mistério supremo (...)”



UNIVERSO

Esta importante faceta de Pessoa mereceu a atenção de livros de estudiosos como Dalila Pereira da Costa, António Quadros e Yvette Centeno. Quanto à presente obra – assente em citações de textos seus explicitamente esotéricos - foi estruturada nos diversos temas que mereceram sucessivamente a atenção do Poeta: Espiritismo, Astrologia, Teosofia, Gnosticismo, Hermetismo, Magia, Alquimia Cabala, Maçonismo, Rosacruzianismo e Templarismo, dando também atenção a mitos nacionais com ressonância esotérica, como o Sebastianismo e o Quinto Império. São ainda referidas obras esotéricas suas, de grande interesse (mesmo que incompletas) como o “Ensaio sobre a Iniciação”, “Átrio”, “Subsolo” e o notável “O Caminho da Serpente” – “o livro que não o é ...” –, mas também poemas explicitamente esotéricos que Pessoa escreveu entre 1930 (ano da visita do mago inglês Aleister Crowley a Lisboa, para o conhecer e iniciar) e 1935 (ano da sua morte), como “O último sortilégio”, “Na sombra do Monte Abiegnó”, “Eros e psique” – apresentando em exergue um trecho do “ritual do grau de Mestre do Átrio na Ordem Templária de Portugal” -, “No túmulo de Christian Rosencreutz”, “Iniciação” e “S. João”.

No que diz respeito à relação de Fernando Pessoa com a Maçonaria, para além do notável e corajoso artigo do “Diário de Lisboa” de 1935, de defesa da Ordem maçónica contra o Decreto de proibição da “sociedades secretas” que o Deputado José Cabral preparava da Assembleia Nacional, apresentamos um “texto de réplica” publicado por António Quadros e extremamente revelador do que terá levado o Poeta (um não maçom) a defender a Maçonaria:

“Deixe o Sr. José Cabral a Maçonaria aos maçons e aos que, embora o não sejam, viram, ainda que noutra Templo, a mesma Luz”.

Isto é, tudo indica que foram os graus maçónicos, dispensados a Pessoa por Crowley, no contexto da sua Ordem dos Templários do Oriente – que tinha três níveis iniciáticos, o maçónico, o cavaleiresco e o mágico – que determinaram da parte do Poeta uma expressão pública da sua solidariedade em relação à Ordem maçónica, ele que, no final da sua vida, estava a escrever rituais maçónico-cristãos (publicados por Teresa Rita Lopes e que reproduzimos em parte neste livro).

MÚSICA

POR A.PAIVA

DREAM THEATER A RITE OF PASSAGE

O GRUPO

Os Dream Theater (www.dreamtheater.net) são um quinteto norte-americano formado, em 1985, por 3 amigos nas salas de ensaio da Berklee College of Music, Massachusetts. No início, davam pelo nome de Majesty, razão pela qual o seu logotipo, ainda hoje, contem um M (e, já agora, repare-se na restantes elementos do símbolo). Desde aí a sua constituição, foi mudando com a entrada e saída de elementos.

A sua sonoridade é caracterizada pela elevada proficiência técnica de cada um dos elementos,

pela frequente mudança da divisão do tempo e pela habilidade de manter um linha melódica coerente e reconhecível, nunca largando o domínio do Heavy Metal/Metal Progressivo.

Graças a uma legião de fãs fiel, contam com milhões de álbuns vendidos e concertos sistematicamente cheios. Tiveram apenas uma canção na MTV, logo no segundo álbum. Desde aí, que habitam o curioso limiar entre o *mainstream* e nicho, ganham prémios da indústria, como, por exemplo, a entrada da banda, em 2010, para o Long Island Music Hall of Fame.



NOTA:

Ilustração da capa do álbum "Black Clouds & Silver Linings"

RITE OF PASSAGE

Since the new world order

Played upon our fears

Spreading accusations

Of radical ideas

The brotherhood of wisdom

Strength and dignity

Its rituals and secrets

Remain a mystery

Beneath an ever watchful eye

The angels of the temple fly

Turn the key

Walk through the gate

The great ascent

To reach a higher state

A rite of passage

The final stage

A sacred home

Unlock the door

And lay the cornerstone

A rite of passage

Men of wealth and power

Influence and fame

Philosophers and leaders

Are members of the trade

Bound by oath and honor

Like the rose and cross

An enigmatic union

Of esoteric thought

Beneath the ever watchful eye

The angels of the temple fly

Turn the key

Walk through the gate

The great ascent

To reach a higher state

A rite of passage

The final stage

A sacred home

Unlock the door

And lay the cornerstone

A rite of passage

Turn the key

Walk through the gate

The great ascent

To reach a higher state

A rite of passage



LETRA: John Petrucci

MÚSICA: Petrucci, Rudess e Myung

OS MÚSICOS

John Petrucci, fundador, nº 2 na Lista dos 100 melhores Guitarristas de Metal, e realizou 6 tours G3, ao lado de Joe Satriani e Steve Vai.

Mike Portnoy, fundador, 23 prêmios da revista Modern Drummer, o mais jovem baterista a entrar para o Rock Drummer Hall of Fame. Substituído em 2012 por Mike Mangini.

John Myung, fundador, melhor baixista de todos os tempos numa votação do MusicRadar.

James Labrie, vocalista, vem do Canadá para

integrar a banda ao segundo álbum, substituindo Charlie Dominici.

Jordan Rudess, em 1999 substituiu Kevin Moore (cujo lugar foi brevemente ocupado por Derek Sherinian). É considerado o melhor teclista de todos os tempos por vários periódicos da especialidade.

A CANÇÃO

A canção A Rite of Passage, integrada no álbum "Black Clouds & Silver Linings" é editada como single em 2009 e tem como referência a Maçonaria.



NOTA: Ilustração da capa do single.



TRIÂNGULO

